Mário Ypiranga Monteiro
história da igreja de
2.ª edição
SÃO
SEBASTIÃO
Edições
Governo do Estado

História da igreja de São Sebastião

Mário Ypiranga Monteiro

HISTÓRIA DA IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO

2.ª Edição

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz
Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Meu filho, Dr. Azemilkos Trajano Monteiro (médico) e minha nora professora universitária Geralda Guimarães Monteiro são responsáveis pela presente edição desta obra. Resolveram de comum acordo editá-la e para isso trouxeram suas colaborações em termos muito simpáticos, impressionados pela trabalhosa fábrica do templo dedicado e consagrado ao mártir Sebastião, oficial romano convertido ao primeiro Cristianismo. Por esta auspiciosa razão ofereço, dedico e consagro estas páginas que me custaram muitas horas de buscas e de renúncias, aos dois magníficos mecenas, abo imo pectore.

Mário Ypiranga Monteiro
Manaus, maio, 1999.

Frei Jesualdo (Gesualdo) Maccheti. Franciscano capuchinho, idealizador e principal construtor da igreja. Do jornal católico "A Reação". Foto recuperada em julho de 1999 por Azemilkos Trajano Monteiro.

APRESENTAÇÃO

Antes de escrever a história da Catedral de Manaus, o escritor Mário Ypiranga, iniciou com dificuldades as pesquisas para o livro *História da Igreja de São Sebastião*, dificuldades inúmeras, pois não fora dado a ele conhecer o acervo existente na igreja, não se sabe se o Livro de Tombo existe ou foi destruído no incêndio na casa ao lado da igreja.

Conta-nos o autor que, em 1859, foi iniciada pela Irmandade de São Sebastião uma meia-água com a frente para a rua do Conde D'Eu, hoje rua de Monsenhor Coutinho. Em 1870 tem ínicio a construção da capela em madeira coberta de palha voltada para a rua do Progresso, hoje rua do Dez de Julho. A paróquia de São Sebastião foi inaugurada no dia 15 de setembro de 1912, às nove horas da manhã, sendo o vigário frei José Capuchinho.

Por meio da leitura da *História da Igreja de São Sebastião* vamos conhecer o trabalho de catequese e artístico dos frades italianos. Que De Angelis não efetuou nunhuma decoração na capela de São Sebastião. Quanto foi gasto na construção, as discussões entre os deputados, as críticas e o que ocorria em torno da construção da igreja.

Eis o livro em sua 2.ª edição sem alterações à disposição dos jovens nas bibliotecas e nas escolas.

Manaus, 8 de novembro de 2012.
Marita Socorro Monteiro

Antes de empenhar-me na redação da história da Catedral de Manaus, havia tentado levantar subsídios para a história não muito perfeita da capela de São Sebastião que reparte a homenagem com São Fabiano, todavia que a esse santo não se evoca e nem dele se fala, apesar da existência de sua imagem a par da de São Expedito.

Andava eu influenciado pelos desastres acontecidos com as igrejas da Conceição e dos Remédios, ambas incendiadas por motivos diferentes, quando me dei conta de que havia alguma coisa que impedia a marcha da construção da capela, e essa rêmora era a política que assessorava a administração do presidente da Província, major de engenheiros Dr. Sebastião José Basílio Pyrrho, que fora antes diretor das Obras Públicas, e lidara com o moroso progresso da construção da segunda matriz, a atual, que jamais foi tricentenária como andaram propalando pessoas sem nenhuma ligação com as nossas tradições históricas. Não chego ao cúlmen de dizer haver ele oferecido seu nome para "orago", apesar dos murmúrios, porém que era devoto de São Sebastião mártir não deixa dúvida, por isso foi um dos primeiros a manifestar sua simpatia pela ereção do templo, esquecendo que a Igreja dos Remédios se arrastava penosamente no primeiro estágio. Pelo menos a causa dessa preferência pretendia justificar-se na inclinação do homem pela ideia (ou fora ele o dono da ideia?), além da sua histórica interferência nos planos do edifício.

Antes de começar-se a fábrica, o bairro dos Remédios (a que estava filiada a área da rocinha do português Antônio Braga) já contava, em 1860 pelo menos, com uma boa assistência dos paroquianos devotos do soldado romano. Li algumas notas convocatórias em jornais daquela época, principalmente no *Jornal do Rio Negro*, e acredito que a decisão de fazer-se o templo não esteja somente na boa vontade dos moradores do bairro, e sim na vantagem de começar-se a *propaganda fide* por uma região isolada do centro urbano por três planturosos igarapés e sendas não muito fáceis de vingadas pelos pés caminheiros. Não que fosse a primei-

ra revoada dos franciscanos capuchinhos, pois eles já haviam tomado pé na região, missionando, erigindo templos, catequizando os primários e ingênuos donos da terra.

Quando andei realizando estas pesquisas, não me fora dado conhecer o acervo porventura existente na igreja, isto é, não me foi confiado o livro de tombo, se é que ele existe, ou existiu algum dia, ou acabou no primeiro incêndio havido na casa ao lado da igreja, ou continua existindo, conforme o que me foi dito, por qualquer motivo. Pode ser que algum dia venha a aparecer, dadas as circunstâncias misteriosas de sua ausência. Por isso, parte das referências aqui registradas foram resultado de conversas com os freires José de Leonissa e Domingos, este já muito velhinho, a cabeça aureolada pelo inverno dos anos ali passados. A esses dois sacerdotes, há quem muito conheci, e de quem aprendi as primeiras lições de catecismo como pajem de Santo Antônio, ofereço este livro, que não é lá muito romano, pois ao mesmo tempo era eu membro ativo da Escola Dominical da Segunda Igreja Batista dos Tocos, sem que meus pais seguissem a fé batista. Acho que estou redimido, frequentando concomitantemente duas igrejas, mas respeitando somente a um Deus.

Como disse no prefácio do livro **Arquitetura**, gosto de aceitar a fundamentação do tratadista inglês Sir Banister Fletcher, **A History of Architecture on the comparative method**, ou seja, reunir num só propósito os fatores que podem influir num conjunto arquitetônico: geográfico, geológico, climático, religioso, social, histórico. Eu acrescentaria, para fazer peso no fundamento social, – o econômico. Entretanto, muito antes de surgir a tese do inglês (1896), o naturalista brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira fazia peso na experiência da arquitetura medicinal e política, e propunha a escolha de terreno sólido, não poroso nem deslizável, local onde os ventos soprassem constantemente, e que as construções deveriam ser acima do solo a fim de evitar-se a umidade, medidas que ele considerava geograficamente aconselháveis para a estrutura de uma boa casa e a saúde dos seus moradores. Não esqueceria muitas janelas, elementos justamente negligenciados na arquitetura das esquinas, aquela que denomino "secos e mo-

lhados". Contra essas alegações de peso a capela de São Sebastião foi erigida.

O leitor verá a seguir o que uma história fundamentada não deixa de necessitar para seu melhor fim.

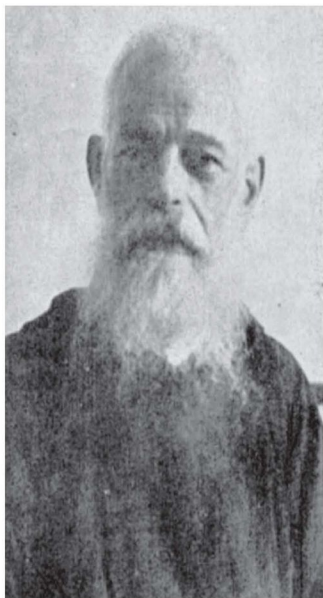
Mário Ypiranga Monteiro
Manaus, 20 de janeiro de 1998.
Dia do legionário romano Sebastião, martirizado.

Não há e supostamente nunca houve nenhuma decoração na antiga capela de São Sebastião atribuída a De Angelis. As cenas violentas em que atuam frades capuchos, na rotunda, procedem da Itália e trazem a assinatura visível de F. Campanela, colgados em 1935 durante a reforma (**Mário Ypiranga Monteiro,** *Teatro Amazonas,* 1965-66).[1] As pinturas dos pendentes (gomos triangulares), os quatro Evangelistas e a coroa de Anjos, são de geração mais antiga. A teoria decorativa menor, em termos de arranjos pios, sem narrativa, e mesmo as legendas latinas, essas sim, exprimiam o que de apreciável havia na técnica de frei Illuminato Coppi e de Sílvio Centofanti. Escrevemos "exprimiam" como a convidar o leitor a meditar nas razias que as broxas de outros artistas levaram a efeito sucessivamente, num desses processos apocalíticos de recuperação à moda cá de casa. Não se alude aos painéis sacros da rotunda, e sim ao estoque da nave principal (e única), do cruzeiro, do coro e da abside, diversas vezes saturado de nervuras à sugestão de mármore. Essa "igreja" carece de naves laterais. Ou melhor: o que seriam naves foi convertido em celas úteis. E uma das portas principais, que dizia para a rua do Coronel Tapajós, foi mascarada, emparedadas as janelas, conforme fotos da época. O que infelizmente pouco se sabe é da interferência do artista Raffaelis Marchesi, esse outro tão modesto quão expressivo pintor que com Joseph Landi, frei Samuel Lucciani, padre Frederico Cattani, Guibandi Victório, Vincenzo Grossi, João Lentini, Sabbattini, Ermano Stradelli, Carlos Rossi, Artur Luciani, Henrique Mazzolani, Adalberto de Andreis, Armando Ricci, André Falcone, André Antogini, Illuminato Coppi, Cesare Veronese, Orofino, Francesco Alegiani, Tomasso de Luigi, E. Bosi, Del Vecchio, Felipe Santoro, Barcigalupe, antes e depois de

1 **Monteiro, Mário Ypiranga**. *Teatro Amazonas*, 4 volumes, 1965-66-97. Manaus: Editora Sérgio Cardoso para o Governo do Estado do Amazonas, Ilustrado, 870 p. Sebrae, 1997, Manaus, 78 p., fotos e anexos. *Teatro Amazonas*. 2.ª ed. Governo do Estado do Amazonas, 2003.

De Angelis formaram a plêiade de catequistas, atores, compositores, iluministas, decoradores, marmoristas, escultores, desenhistas, pintores, retratistas e paisagistas, engenheiros civis e militares, estrategas, arquitetos, poetas, jornalistas, escritores, tupinólogos presentes em mais de um século na arte amazonense. O que nós ignoramos a respeito da fixação e continuidade dessa arte! O que nós perdemos com a mudança e a interação social evolucionada de quase três séculos a esta parte!

Marchesi, pintor e erudito, colaborou com Sílvio Centofanti. Ambos vieram com De Angelis em épocas diferentes, e não somente estão ligados a execuções estéticas particulares mas também a contratos que cumpriram: Centofanti no Teatro Amazonas, Catedral de Nossa Senhora da Conceição, Igreja de São Sebastião e de Nossa Senhora dos Remédios, monumentos à Abertura dos Portos e à Província. Não se sabe a razão histórica de Marchesi Raffaelis e de Tomasso de Luigi só aparecerem o primeiro relacionado obscuramente ao monumento consagrado à Província e o segundo, com Michaeli Albieri e Illuminato Coppi, às iluminuras que resistiram felizmente ao impacto das reformulações.

Grupo de missionários capuchinhos. De braços cruzados frei José de Leonissa. Foto extraída da "Polianteia"

Frei Domingos de Gualdo Tadino, capuchinho.
Foto da revista "Polianteia", em sua homenagem.

Frei Hermengildo de Foligno, capuchinho. Foto da revista "Polianteia".

Padre frei Illuminato Coppi, missionário capuchinho, não ficou muito tempo em Manaus, foi missionário no rio Negro, de onde o expulsaram os índios indignados com o seu mau comportamento. Foto recuperada em julho de 1999 por Azemilkos Trajano Monteiro.

A princípio acreditei tratar-se de modestos auxiliares, manipuladores de tintas e preparadores de telame, de base de afrescos, e de fundos. Pintores e marmoristas jovens formavam equipes, como afirmei na minha exaustiva obra *Teatro Amazonas*, pensamento mal interpretado e desviado pelo pouco habilidoso "copista" Valadares; consequentemente parece que ao líder do grupo cabia a referência principal em prejuízo dos nomes dos demais. Essa é a razão maior por que muitos artistas raramente aparecem nomeados em notícias de jornais antigos e mesmo em documentos oficiais. Mas sabe-se, e eu o referi na obra citada, que vieram com De Angelis muitas pessoas não nomeadas. Mas quem era o líder? Os outros só por acaso escapavam ao anonimato e de vez em quando o pesquisador se surpreende com informação curiosa e inédita, ou pouco referida.

De Lucciani sabemos que se dedicou também à fotografia, abriu ateliê e deve de haver feito fortuna numa época de transição do retrato a óleo, dispendioso, para o celuloide, mais barato, embora o carvão houvesse marcado época e André Falcone, já do meu tempo de rapaz, com ateliê na casa de esquina da rua de Joaquim Sarmento, conquistasse a preferência da sociedade. Mas Falcone também ele era pintor de grandes recursos e no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas existem quadros seus, um Dante Aligheri renascentista (reprodução, óleo sobre tela). De Lucciani ouvimos muitas referências do bibliotecário José de Chevalier a respeito de paisagens existentes na Biblioteca Pública e que foram devoradas pelo incêndio. Quadros seus devem de existir em Manaus, em quantidade suficiente para que seja definida sua especialidade e sua técnica, escola e preferência tonal. Inclusive um retrato do marechal Deodoro, corpo inteiro, encomendado pela Prefeitura de Codajás, pela quantia de 260$000 em 1893. Talvez fosse esse o retrato que encontrei no monturo do porão do Teatro Amazonas, todo quebrado, dobrado em várias camadas e socado num baú velho e podre. Deve de haver ido para o lixo, que é destino que têm tido muitas obras de arte aqui. Um inquérito junto àquela prefeitura dirá a verdade. Será que ela pagou?

Infelizmente a "cultura" nesta terra deixa apodrecer obras de arte, obras de consagrados mestres, o que vinha acontecendo com

o acervo da Pinacoteca do Estado (atualmente, 1998, está havendo recuperação), talvez porque estivera na condição fatal do "já era", e existe um processo dissimulado mas em curso, de denegrir o clássico em proveito do moderno, circunstância que caracteriza muito bem certa mentalidade de barril. Ou então houve mesmo um propósito deliberado de plagiar-se a juventude comunista chinesa... Nem o Estado e nem os diretores de arte jamais se preocuparam com mandar fazer um catálogo, historiando a imensa galeria pictórica existente em certas repartições públicas e até mesmo em residências particulares, material de que, sabemos, boa quantidade já foi desviada para fora do Estado. Foi compreendendo essa necessidade e no intuito de defender obras de arte da sanha dos vândalos imbecis, que o governador Arthur Reis mandou recolher certa quantidade de pinturas à Pinacoteca, inclusive um retrato corpo inteiro do imperador, salvo da destruição de que estava sendo vítima da parte dos muito bem instruídos alunos do Colégio Estadual do Amazonas, os quais até pornografias escreviam no tecido branco desprovido já da camada de tinta!

Que fizeram então Sílvio Centofanti e Marchesi Raffaelis? Não sei dizer até onde chegava a competência do último em composição religiosa. Todavia, do primeiro são todas as pinturas da Sé Catedral (fundos de nichos com bambini, servindo de modelo o garoto Minos Quadros, filho da Sr.ª Luizinha Quadros) afrescos já hoje ofendidos por péssimos trabalhos de restauração. De ambos são numerosas alegorias e cenas bucólicas, paisagens ideais e reais (inclua-se Lucciani e Michaeli Albieri e possivelmente Francesco Tomasso de Luigi) existentes ainda em muitas vetustas mansões (talvez ainda exista depoimento em certa residência próxima à primeira ponte), do tipo daqueles murais conservados por milagre na antiga Secretaria de Justiça, enquanto que a pintura original do prédio foi mudada! Como se não houvesse um tipo característico de pintura mourisca! Aquela era originalmente amarelo-mel e amarelo-sangue, em faixas horizontais. Existem emissões fotográficas em cores. A menos que apareça algum vigarista para contradizer, como na questão da pintura original cinza e branco do Teatro Amazonas, de que possuímos, hoje, felizmente, documentação fotográfica.

Também cenas históricas em paredes de botequins: **O Regedor** (cenas de **Os fidalgos da Casa Mourisca**, execução dos Távoras, assalto ao Castelo de São Jorge).[2] O cenário do Éden Teatro, em 1888, foi pintado por esse artista, Tomasso de Luigi, segundo informação do mestre Cavalcanti; **Canto dos Terríveis**, **O Marquês de Pombal** (retrato do ministro de Dom José I com os planos da reconstrução de Lisboa e outras cenas bucólicas, retratos que me parecem decalque da célebre composição de Miguel Angelo Lupi), botequim que ainda existe com o mesmo nome no Plano Inclinado. Em lugar dos murais restava o indeciso de uma vila napolitana, executado (pasticho ruim) por dona Branca, filha do Sr. Santos, recente proprietário da casa. O bar desapareceu e em substituição há uma tenda de mestre sapateiro. Parece sina, os sapateiros andam sempre na cola dos grandes pensadores, já o dizia Colombo, mal satisfeito com os sastres descobridores. Dona Branca, que conheci, era esposa do Sr. Enrique Almeida, antigo técnico de futebol e hoje vive em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Outras casas comerciais em que se podiam ver grandes e belos afrescos: **Porta Larga, Cervejaria Boêmia, Os Bilhares, Bar Bom Futuro, Tabacaria Boer, Itatiaia**, agência de loteria **Vale Quem Tem**, este mural assinado por Albieri e os demais por Tomasso de Luigi; o da **Cervejaria Boêmia**, levava a rubrica de Del Vechio. Este não era apenas pintor, mas desenhista, escultor e decorador, poeta e jornalista. Uma espécie nova de Crispim do Amaral muito dispersivo. Dele existem, devem de existir descendentes em Manaus e pelo menos um foi meu contemporâneo no Ginásio Amazonense Pedro Segundo.

Um dos ajudantes de Sílvio Centofanti, de que me recordo muito bem, chamava-se Cavalcanti (com i), brasileiro de procedência italiana, tipo alto e magro, pintor dos ingênuos e toscos cenários do teatrinho "João Redondo" do Colégio Salesiano (Dom Bosco). Era realmente um pintor primitivo, curioso, para não dizermos medíocre e fora nos tempos áureos ajudante de vários mestres. Era bom inculcador nas rodas de café **Leão de Ouro**

---

2 Desaparecidos.

(também com mural desaparecido) e bar **Ponto Chic**, aquele ponto de reunião da intelectualidade das décadas dos vinte, trinta e quarenta, e onde muita coisa se contava e muita coisa se ouvia...

Estamos dando rédea solta à imaginação, mas o nosso propósito é falar de artistas italianos com quem a cultura local contraiu dívidas estéticas, em certa época, alguns dos quais estão vinculados à arte sacra tanto da capital como do interior. Do interior já nada se sabe, desde que muitos templos pintados por artistas competentes, ou por outros que ficaram anônimos (padres inclusive) vieram a baixo de centúria em centúria e de década em década: Barcelos, Moura, Carvoeiro, São Gabriel, Tapuruquara, Silves, São José do Amatari, Manacapuru, Tabatinga, Tefé, Parintins, Itaquatiara, Tarumã, Santo Antônio do Içá etc.

Voltemos à Igreja de São Sebastião.

O que mais avulta na construção da "capela" pelo exterior é o zimbório sem expressão, cego, sem lustre, porque, segundo a tradição, coberto de folhas de cobre. Ele continua marcando uma talidade que se completa na redoma de pedra que asila a estátua tamanho natural do orago, mas não são semelhantes em estrutura e estilo. A cúpula da redoma quer parecer uma miniatura estilizada da de São Pedro de Roma. Apenas estamos considerando curioso o contraste estilístico, porque naquele templo parece que cada arquiteto meteu o dedo, trouxe a sua contribuição inspirada ou manca. Senão vejamos: a rotunda, desvairada em vitrais caríssimos para a época em que foram adquiridos na Itália, não se alinha com o extradorso do zimbório nem com a redoma de pedra do altar-mor e nem com a meia laranja da abside do lado direito. Não existe por assim dizer unidade (ritmo e continuidade linear de estilo arquitetônico) e sim uma composição frappé. Essa rotunda aparece como um corpo crescido isoladamente no espaço pouco econômico, sem identificação com a planta alta do templo. No início fora coberta de folhas de cobre sobre charpante de madeira, conforme se observa de uma das fotos, o mesmo acontecendo com partes do telhado da Matriz. Mais tarde foi feita de concreto sobre madeira e coberta de briques pintados de branco. Para iluminá-la fizeram uma torrícula dotada de janelas de luneta. O que seria ela antes? Capela. Capela de São Sebastião e de São Fabiano

ensina a tradição escrita, e como se nomeia ordinariamente, e que foi aos poucos ambiciosamente transitando para a condição definitiva de igreja com torre. Toda essa frente é o que resta do estilo gótico adatado posteriormente, inclusive o tambor bizantino, pois o estilo gótico, como se sabe, é composto do etrusco, bizantino e romano. Quanto à meia laranja, minha impressão é que se trata de resíduo do que fora projeto de cabeceira, com o frontão para leste.

Em termos de comparação, imagine-se a capela tipo batistério pisano de Nossa Senhora de Fátima (praça Quatorze de Janeiro) cercada posteriormente de quatro corpos de edifícios, corpos que lhe tirassem a visão baixa, deixando apenas aparecer o domo do zimbório. Foi o que aconteceu, à outra luz, com a capela primitiva de São Sebastião: o zimbório ficou mal exposto, quase matando a perspectiva colorida dos vitrais os quatro corpos de edifícios construídos posteriormente. E não se explica a existência singular do outro zimbório talhado ao meio, senão aceitando-o como cabeceira, lado oeste.

Quando residi na rua do Dez de Julho, vizinho da igreja, e durante o entusiasmo da pesquisa realizada para a história da Sé Catedral (**Mário Ypiranga Monteiro,** *A Catedral Metropolitana de Manaus. Sua longa história*, 1958) andei matutando seriamente na razão da diferença existente entre os corpos de edifícios e a rotunda com o zimbório. Não encontrava nenhuma justificativa para tal arritmia, não tanto de estilo mas de proporções e topicidade. Só uma razão justificava a diferença: evolução da área construída, isto é, transformação da capela para a igreja atual. Um rotacionismo pitoresco. Mas os vitrais? Na verdade, a altura das janelas dava margem a especulações acerca da relação com a igreja e o exterior; uma possibilidade se entrevia, de que os vitrais estivessem sendo prejudicados na sua funcionalidade prístina pela ambição crescente das paredes da "igreja", e não com o objetivo prático de aumentar a claridade. A capela lutava contra a igreja para sobreviver no seu primitivo traço romântico (de natureza, não de estilo) e essa sobrevivência reside na ainda existência quase apagada da rotunda com seus vitrais. Mas na verdade os vitrais permitem a filtração de uma luz cambiante em que tremulam átomos de poeira, luz diáfana, poalha fluida sensibilizada de tons evanescen-

tes, sem lamentos sanguíneos nem explosões cruas, que a gente vê deslumbrado nas catedrais de Chartres e de Nossa Senhora de Paris. Verdadeiras escadas de anjos, luz quase misteriosa, ungida de encantamento místico e de transcendente pureza, ora friamente azulada, ora de amarelo-morno. É o único templo de Manaus onde o silêncio apaziguante transfunde religiosidade e convida à reflexão. Por causa dos vitrais que são parte integrante da rotunda. Por causa da rotunda que foi a capela primitiva. Porque os vitrais foram empregados com essa finalidade, de espiritualizar a luz exterior no que ela tem de crua e ameigá-la em benesses policromas. Sem a rotunda e sem os vitrais aquela igreja perderia o equilíbrio entre o senso religioso e o senso estético. Bem haja quem conservou a rotunda-capela.

Todo aquele complexo arquitetônico me impeliu a investigar a história de sua construção. É simplesmente curioso e até absurdo (*credo quia absurdum*) esse conteúdo estético. A igreja hoje, capela ou ermida ontem, está agarrada à ilharga do profano a exemplo daquele caranguejo-eremita. Parece que só a rotunda e o zimbório merecem a consideração de um elogio e falam o idioma sentimental de uma época de transições, uma etapa fronteiriça em que a Igreja (religião) estava na dependência do Estado (política) e sob a influência da Cultura (liberalismo + contismo + maçonaria). Acredito que a sua transformação lenta seja produto do desamor com que o espírito contista-liberalista olhava as coisas do Céu, muito mais do que o sempre falado e sempre injusto litígio entre pedreiros-livres e clero, pois que são precisamente os maçães, como veremos, os que mais trabalharam para a construção, conservação, ampliação e dotação das igrejas da Província, enquanto que muitos carolas negavam votos à obtenção desses privilégios tão sociais e tão necessários ao povo como as diversões, as comodidades.

Iniciada em 1859 pela Irmandade de São Sebastião com a frente para a antiga rua do Conde D'Eu (Monsenhor Coutinho), sem área traseira construída, era apenas uma meia-água de telhas vãs. Onze anos após (1870) o diligente e operoso frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti (27 de maio) daria início à construção de uma capela adjacente, em madeira coberta de palha, nos fundos

da ermida, dizendo para a então rua do Progresso (Dez de Julho). Entretanto, a praça, dita já de São Sebastião, antecede a capela, e foi mandada abrir pelo presidente da Província em exercício, tenente-coronel Sebastião José Basílio Pyrrho, em 1867, empregando-se a quantia de 400$000 réis. A partir de 1884, julho, aparecem editais na imprensa local chamando concorrentes à ampliação do templo. Isto por força da iniciativa dos deputados à Assembleia Legislativa Provincial. É a segunda parte, a rotunda, capela ainda. É aqui que imagino a construção daquele meio domo, ou cabeceira, pois a parte traseira do templo estava voltada para a rua do coronel Tapajós. Em 1886 já está sendo envolvida a rotunda pelas quatro frentes, das quais três em proporções menores à que deita para a praça de São Sebastião. A praça com o nome do orago antecede de muito à construção da capela primitiva, pois esta ainda não existia nem coberta de palha. A influência social da praça está plenamente conotada. Dizia-se haver na escolha do orago uma simpática homenagem ao presidente da Província, tenente-coronel de engenheiros Dr. Sebastião José Basílio Pyrrho, antes, diretor das Obras Públicas, quando simples capitão, que acudira com os primeiros recursos para melhorar a praça. Não somente o aspecto geográfico, mas o social principalmente, alteraria a inovação de todo o conjunto, que ficaria com duas frentes, a principal dizendo para a nova rua do Dez de Julho, ou do Progresso. Mais tarde essa fachada seria mascarada, abrindo-se uma porta que diz diretamente para a sacristia.

O Dr. Basílio Pyrrho governou de trinta de abril a nove de novembro de 1867, justamente quando maior era o entusiasmo do apostolado de São Sebastião, sem igreja, mas esqueceu a dos Remédios, cujo progresso estacionara no primeiro estágio. O Dr. Basílio Pyrrho já estava experimentado em igrejas, pois enfrentara o trabalho de construção da nossa Matriz, da qual riscou a planta, quando diretor das Obras Públicas, percebendo a importância de réis 180$000. Não custa conjeturar haver sido ele o autor da primeira planta da capela de São Sebastião, já que seu nome aparece ligado a ela, pelo nome e pelas insinuações.

O novo conjunto residencial é mais recente, datando do conflituoso ano 1917, quando a economia amazonense estava sendo es-

trangulada pelas exigências dos países beligerantes, e o governador eleito, coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, encontrou no Tesouro apenas 17$000, legado do seu antecessor, Dr. Constantino Nery. Completa-se aí o patrimônio físico da igreja, pois o terreno baldio foi adquirido por compra a particulares, das esmolas dos paroquianos, oblatas pulcras que foram sucessivamente acrescidas pelos comerciantes J. G. Araújo, J. S. Amorim, J. Soares, Guilherme Moreira, Gomes Carneiro, Luiz Maximino Corrêa, e talvez outros. As esposas dos primeiros eram muito católicas e dotadas de grandes virtudes paroquianas, tomavam parte ativa nos trabalhos espirituais da igreja, na Irmandade de São Sebastião, enquanto os maridos faziam a sua parte (não ativa) na ajuda financeira e no prestígio. Um dos altares foi doado pelo Dr. Maximino Corrêa. Mais tarde os filhos do comerciante J. G. Araújo, Drs. Agesilau e Aloísio de Araújo fariam igualmente generosos adjutórios, o segundo reformulando a fachada do edifício, como se dirá.

Após a construção do cenóbio (residência dos monges franciscanos) sobre as sacristias, o templo pôde receber alguns religiosos a mais das paróquias da Itália e do Sul do Brasil. Coisa curiosa, o apostolado do mártir São Sebastião vem de 1850, justamente a época da chegada do engenheiro militar, citado como seu inovador, visto que não havia ainda jornal para informar, e foi o segundo grande movimento religioso de Manaus, pois abrangeu igualmente a distante paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, no albor do século atual. O círculo de veneração do legionário romano sacrificado pela vitória do Cristianismo epopeico antecede de pelo menos quatro anos à construção da capela (primeira) e os rituais exteriores limitavam-se a procissões, novenas, rezas avulsas, utilizando-se o pequeno ícone de pedra que está na mínsula do frontão principal. Os jornais de 1860 em diante dão conta dessas práticas, mas não informam delas se eram em ambiente fechado (oratório, residência de devoto), ou ao ar livre, sendo que neste último caso existem pingues referências. É com a chegada dos franciscanos que muda a orientação paternalista da invocação, e *ipso facto*, a fisiologia arquitetônica, que teima em pretender parecer imitação de conspícua capela italiana.

Ocupando os quatro gomos do interior do domo bizantino, estão representados em pinturas os quatro evangelistas: Lucas, Mateus, João e Marco. Por que somente estes? Desde o princípio os quatro nomes e seus respectivos símbolos alegóricos me despertaram a atenção e a curiosidade, por vários motivos, dentre os quais cito apenas dois, os mais importantes, por contrastarem com a decisão unívoca do aparato interior que não existia aquando da construção do templo. A influência renascentista, que viria a mudar a perspectiva quase geral da arquitetura colonial manauense urbana, ocorre na presença dos quatro evangelistas. Não de forma, mas de conteúdo. Os franciscanos foram homens de muita cultura e de propósitos atuantes. Na Idade Média tornaram-se suspeitos de heresia por não admitirem a riqueza e o luxo ostensivo na Igreja Católica e pregaram a "igreja pobre" como São Francisco de Assis. Pelo guarda-roupa (burel, sandálias de couro, flagra) conota-se a diferença marcante com a rouparia dos demais sacerdotes. Esses evangelistas aparecem na igreja dedicada a São Francisco, na alpina cidade de Assis (Itália), onde nasceu Francisco di Pietro di Bernardono (1182-1226), que seria mais tarde o fundador da respeitável ordem. O teto da basílica daquela igreja italiana foi parcialmente destruído pelo terremoto de 26 de setembro de 1997, que danificou os afrescos de São Francisco e do apóstolo São Marcos, este obra-prima do pintor italiano Gioto, aqueles (sequência) de Cimábue. A basílica daquela catedral quer dar uma aparência, na face interior do teto abobadado, da cúpula da nossa igrejinha com seus quatro evangelistas equipados dos seus símbolos místicos. Todavia não são iguais, os afrescos na outra, e na nossa as telas coladas no cimbre de madeira. Todavia que argumentam a favor da "magia divina", pois representam os quatro Evangelhos, os quatro pontos cardeais, o quadrado pitagórico, e os fundamentos do mundo pré-platônico: Terra, Ar, Água, Fogo. Mais adiante questionaremos a presença desses quatro elementos que marcam o início das especulações filosóficas helênicas.

A presença na Amazônia dos franciscanos antecede de muito, consoante uma versão discutível, a viagem de Orellana. Mas que antecederam a Pedro Teixeira é fato verificado, documentado, pois foi graças a informações deles, franciscanos, padre Brieba e

outros, que o sanguinário capitão português subiu o rio das Amazonas, a fim de verificá-lo.

Ficamos subitamente preocupados com a presença dos quatro evangelistas nos gomos do zimbório, e inscritos numa base triangular, acompanhando a decoração. Aquilo seria o menos de esperar numa igreja de padres franciscanos, para quem não conhecesse a postura renascentista e uma visão meio neoplatônica subsidiária do hermetismo deslanchado na Idade Média. Talvez não houvesse nada disso e eu estivesse apenas enfrentando uma tempestade em copo d'água. Todavia que a localização dos evangelistas e suas poses clássicas começaram a atormentar-me o espírito. Seria um absurdo pensar que aquela evocação ao renascimento italiano portasse uma simples ideação estética vocacional. Mas depois que os curiosos críticos iniciaram uma série de investigações nas igrejas medievais da Itália principalmente, e começaram a descobrir intenções nada ortodoxas no talento dos pintores, inclusive invocação à Cabala, a coisa passou a ser olhada de maneira diferente. De uma maneira mais diferente do que a simples ornamentação ou o mero repertório bíblico. Hoje, a gente olha para aqueles quatro evangelistas de uma maneira diferente, admitindo que eles representem realmente uma atitude menos artística e menos bíblica do que o são na efetividade. Uma intenção maravilhosa, adubada de provocação, que levaria o pintor medieval Gioto a libertar a pintura dos precipitados eclesiásticos. Lembremo-nos de que estava-se (em Manaus) na época do Positivismo atuante e que os cânones eclesiásticos estavam espremidos entre duas forças latentes: Maçonaria e Positivismo. A Maçonaria não disputava com ninguém, e o Positivismo brigava com todas as religiões teológicas. Mas nós nos reservamos o direito de deixar isso de lado. O que será necessário é especular sobre a história da construção do templo e sobre a vida dos inteligentes frades que o ajudaram a erguer-se. Como não possuímos muitas referências sobre aquela gente laboriosa, prendemos a atenção na figura do seu maioral, o padre Jesualdo (Gesualdo) Macchetti. Ele possuía uma vigorosa personalidade, não poupou saúde nem tirocínio evangélico na aquisição de meios materiais que implantassem a imagem da Igreja Católica por onde andava, até estabelecer-se

definitivamente em Manaus. Frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti ingressou na Ordem Franciscana dos Capuchinhos, por voto, o que já de si é uma afirmativa de pobreza material. Na igreja há uma imagem de São Francisco de Assis, altaralizada, e com ofícios permanentes. Há anos escrevi um artigo de palmo a respeito dessa famosa Ordem que despejara no mundo centenas de homens ilustres pelo talento e pela vocação sacerdotal. E precisamente tidos, na história do Amazonas, como os predecessores dos navegadores do rio das Amazonas. Frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti estava destinado a ser de futuro um organizador paciente, metódico e inteligente da catequese regular na região, seguindo aquela política da "**De Propaganda fide**". Ingressou no grupo de sacerdotes recrutados para a América do Sul, indo para a Bolívia. De lá, da Missão de São Boaventura, no rio Beni, após várias peripécias desagradáveis, desceu rumo ao Brasil, em 1862, de passagem para a Itália. Sentia-se esgotado e psicologicamente abatido com o incerto futuro em que ficavam os índios Caripunas e Arara e a igreja levantada com sacrifício das próprias mãos. Porque frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti era pedreiro, carpinteiro, tipógrafo, escritor, e tanto sabia manejar a trolha com habilidade como a pena. Deixou três relatórios publicados, versando suas experiências no trabalho de catequese na Amazônia brasileira e boliviana: *Notizie interessanti sulla Provincia delle Amazone nel Nord del Brasile*, Tipografia e Editora Romana, 1882; *Diario del viaje fluvial del Padre Fray Jesualdo Macchetti, Missionero del Colegio de la Paz, desde S. Buenaventura y Reyes hasta el Atlantico en 1869*, La Paz, Imprenta de "El Siglo Industrial", 1886 e *Relazione de la Missione Francescana di Manaus*, Roma, tip. Ed. Romana, 1886.[3] O Dr. Sebastião Basílio Pyrrho não permitiu que viajasse para fora do Estado, mandando-o missionar no rio Negro, de onde regressaria para iniciar os trabalhos da igreja.

Todos os livros acima mencionados seriam oportunos para uma biografia melhor do dinâmico sacerdote, inclusive poderiam fazer mais luz sobre a construção da Igreja de São Sebastião. Aliás,

---

3 Alguns informes bibliográficos são do livro *Os desbravadores*, do padre Victor Hugo, I: 136, 155.

essa famosa capela era dedicada aos oragos São Sebastião e São Fabiano, como deixamos dito e existe a estátua do último arriba do altar-mor. O padre Victor Hugo, que se fez muito meu amigo quando andou realizando pesquisas em Manaus, não se estendeu à obra do frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti em Manaus, com especialidade à construção da capela de São Sebastião porque àquele tempo escasseavam os documentos.

O número de franciscanos[4] vindos para Manaus é considerável. A sete de novembro de 1870 chegam para fixar-se os padres frei Samuel de Mancini, frei Teodózio Malafra e o frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti, removidos de suas sedes na Itália, todos capuchinhos.[5] Inicialmente estes foram missionar no rio da Madeira, mesmo em território boliviano, de onde o padre frei Macchetti se embarcou para Itália, por carência de segurança pessoal. No dia 23 de novembro do mesmo ano (1870) vieram mais dois padres: frei Luís Zaccani e frei Angelo de Perugia. É neste ano que o presidente da Província, coronel José de Miranda da Silva Reis, manda construir o Hospício dos Franciscanos Observantes, para asilar os recém-chegados e outros, casa que seria justamente a primeira capela de São Sebastião, na rua do Monsenhor Coutinho. A planta foi feita e executada no gabinete do engenheiro Luís Martins da Silva Coutinho, então diretor das Obras Públicas. Em 1901, 14 de dezembro, veio frei Illuminato Coppi (que daqui saíra em 1883 a fim de recrutar missionários na Itália) trazendo a reboque seu sobrinho leigo José Baptista Coppi, ambos os dois pintores iluminis-

---

4 Não são os primeiros. Devemos lembrar que no descobrimento do rio das Amazonas, eles operavam como escrivães da frota. Era uma erudita companhia de que se fala muito bem como participantes do descobrimento da América. Frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti nasceu no dia 11 de julho de 1825, em Montalcino, na Toscana, Itália, e faleceu em Manaus, na Casa de Misericórdia, a 21 de junho de 1902, com a idade de 76 anos, enfraquecido pelas febres adquiridas durante seu apostolado, e pelos duros trabalhos na selva. Tenho a impressão de que foi sepultado no cemitério anexo àquele nosocômio e mais tarde removidos os seus ossos para o cemitério de São José. Outros seriam trasladados para a cripta da Igreja de São Sebastião, na nave do lado sinistro. Conseguiu uma pequena gráfica em que imprimia modestos trabalhos do tipo *Boletim Paroquial*, gráfica que levou para a Bahia quando lá foi.

5 A Ordem dos Capuchinhos foi imitada da primeira ordem a usar o dominó, a de São Benedito, no XIII século.

tas, responsáveis pelos adornos parietais da igreja, os que restam, fora do alcance das mãos dos vândalos. Frei Iluminato não ficou, foi missionar no rio da Madeira e Negro, demorando-se mais em Humaitá, em cuja igreja dizia-se haver decorações parietais de sua lavra. Fez parte daquela turma de sacerdotes o missionário frei Samuel Luciani, em 1865, que esteve envolvido na pacificação dos índios Uaimiri.

De alguns frailes antigos da igreja eu me lembro: frei José de Leonissa, magrinho, a quem comparávamos a Santo Onofre; frei Hermenegildo, cujo retrato estampamos; frei Domingos, que sempre fora considerado um santo, pela mansidão dos gestos e das palavras, e frei Pio, o das barbas longas. Este estava encarregado de distribuir (comercializar) os folhetos *Mensageiro da Fé* e *Boletim Paroquial*, o primeiro circulando mensalmente, por assinatura, e o segundo aos domingos, durante as missas. Mais tarde, em 1929 (24 de julho), frei José de Leonissa lançava a pedra fundamental da capela de São José, na colônia de Campos Sales, e concorria para a construção do santuário de Nossa Senhora de Fátima, na praça Quatorze de Janeiro.

Os franciscanos estavam divididos em duas castas: missionários (os que se dirigiam ao interior do Estado, para a catequese dos índios), e residentes (os que ficavam na capital, e nas vilas e freguesias, adidos às igrejas) por isso que, ao andar do tempo, dos demais grupos que chegaram, alguns dos capuchinhos não ficaram na paróquia e foram desviados para os rios Negro e Madeira. A ação dos últimos, fora de Manaus, não interessa a este trabalho, portanto dos quatro missionários que vieram mais tarde, em 1906, somente ficaram frei Domingos de Gualdo Tadino, frei Pio de Casa Costalda, frei Hermenegildo de Foligno, frei Martinho de Cegli, frei Pio e frei Messápino, leigo, falecendo de febre amarela, frei Agatangelo de Spoleto, cujos restos mortais se encontram num gavetão da cripta. Os três primeiros frades viveram muitos anos e eu os conheci na minha juventude. A situação climática na Amazônia daqueles idos pôde oferecer um quadro epidêmico real, se considerarmos o número de obras públicas e particulares eclodindo em todos os quadrantes, transformando a cidade num imenso canteiro de obras. O calor sazonal de julho a janeiro,

a água poluída dos igarapés centrais, carência de higiene pessoal e de profilaxia oficial, com a agravante da péssima alimentação (principalmente enlatados) concorriam para a expansão de endemias do tipo beribéri, febre amarela, sezões, gripe crônica, endemias que acabavam tornando-se transepidêmicas, e outras trazidas de fora pelos migrantes do Nordeste e da Europa. A febre amarela, por exemplo, era conhecida na Europa e na América do Norte. Não era invenção nossa *made in Amazon*. Em janeiro de 1911 vieram mais os frailes: monsenhor Evangelista, frei Paulo de Lucca (da Itália) e Antonio de Frascaro, frei José de Leonissa, que estavam em São Luís praticando a língua portuguesa. Destes dois somente frei José de Leonissa resistiu até depois de 1974, quando faleceu de gripe no hospital da Beneficente Portuguesa,[6] em idade bem avançada. Conhecemo-lo, como, aliás, muita gente da minha idade atual, era pequenino, frágil, olhos vivos, cabecinha seca e fala estridente. Usava a barba passa-piolho com duas pontas, diferente dos demais que as tinham quadradas. Outros sacerdotes vieram em 1912, 12 de julho, mas não ficaram todos em Manaus: frei Jocundo de Soliera e frei Ludovico de São Giovani Rottondo, sobrevivendo o primeiro. E em 1920, 7 de fevereiro, chegaram frei Wenceslau de Spoleto, frei Antonio de Perugia, frei Pacifico de Panicole, frei Ludovico de Leonissa, frei Lucas de Gualdo Tadini. E em maio, frei Diogo de Ferentillo, que não ficaram em Manaus.

Uma nova mentalidade geria então esse constante abastecimento de servidores de Cristo vindos a maior parte da Lombardia e da Umbria. Passaram a ser chamados sacerdotes já experimentados do Brasil, no Sul e no Norte, e embora não ficassem adidos à igreja aposentavam-se nas casas dela quando de viagem. Essa nova fornada começa em 1920 e aumenta de 1926 em diante.

A Primeira Guerra perturbou de muito o trabalho de consolidação dos capuchinhos na paróquia, pois as únicas coisas que fizeram foi iniciar a Igreja de N. S. de Nazaré, cooperar na custódia do asilo para moças pobres, e fundaram o colégio no prédio vizinho à igreja. Não o atual, de sobrado, mas

---

6 Dele é a resenha muito falha, publicada no suplemento do jornal católico A Reação, de março de 1946, p. 91-93, Manaus.

o primitivo, como se poderá ver da foto na página 26. Tanto a igreja como o colégio padeceram do mal da descontinuidade. O trabalho desenvolvido na construção da Igreja de N S. de Nazaré achou-se de repente interrompido por dissenções causadas pelo desvio de dinheiros apurados em festas (arraiais) mantidos pela irmandade. Chefiava esta a jovem Maria La Salette, professora normalista e várias amigas componentes do *society*. Deram como causador dos dissídios ao frei José de Leonissa. Daí por diante a construção da Igreja de Nazaré ficou na pedra fundamental, bem como o Círio de Nazaré, instituído naquela altura, sofreu definitiva proibição, sob a acusação de ser e de estar sendo demasiadamente "popular". Enquanto um bispo daqui condenava o Círio, em Belém do Pará a procissão crescia de fanáticos, até hoje. A Comissão encarregada passou a interessar-se pela construção da capela de São João Batista, dentro do cemitério, porém no início iria ser na praça dita de São João, em frente para o mesmo. Posteriormente o superintendente municipal coronel Adolpho Lisboa tomaria a si a tarefa de melhorar todo o conjunto do cemitério, dotando-o artisticamente dos implementos metálicos.

Nos 10 de julho de 1926 chegaram para o trabalho missionário frei Fidelis de Alviano,[7] frei Ambrósio de Gaifana, ficando este mais tempo em Manaus, pastoreando na igreja.

Em 1930 (16 de julho) vieram de Montevidéu os frades Rogério de Santo Elias, e o leigo Diogo de São Marcos. Em 1933 (15 de dezembro) frei Pio de Casa Costalda (de origem nobre)[8] e frei Mateus do Monte, missionário. Em 1935 (29 de novembro) che-

---

7 Continuou neste mister o resto da vida. Vinha sempre a Manaus e procurava a companhia de intelectuais. Escreveu vários livros didáticos sobre línguas indígenas. Não era capuchinho. Muito vivo, falando corretamente a língua portuguesa e sabendo outros idiomas indígenas. Foi com os doutores André Araújo, Nunes Pereira, Mário Ypiranga Monteiro, Geraldo Pinheiro, Manuel Bastos Lira, o músico Wolfango Teixeira, – o fundador do Instituto de Etnografia e Sociologia, assessorado por outros.

8 Cheguei a conhecê-lo na minha infância, quando eu era pagem de Santo Antônio e ele ensinava catecismo.

garam frei Tomaz de Morcelano missionário[9] e como visitador capuchinho, frei Miguel de Perugia. Em 1940 (4 de abril) veio frei Silvestre de Ponteparttoli, e em 1945 vieram de São Paulo do Sul frei Celestino de Itu e Timóteo de Porangaba, capuchinhos. Ao todo vieram para Manaus 25, falecendo oito.

Os religiosos fundaram um colégio, no prédio vizinho à igreja, colégio que teve no início boa reputação, e que não se sustentou dizem que pela escassez de professores padres. A desculpa é um pouco suspeita, pois nos colégios de religiosos o que mais existe é professor normalista leigo. Todavia que os frades eram ativos: mantinham aulas de catecismo, faziam arraiais na praça e muito frequentemente até jogavam renhidas partidas de pelada, com os meninos, assustando os transeuntes. Do que eles não gostavam era da presença do Teatro Amazonas. Mas tiveram de suportar a vizinhança da sede do Luso Sport Clube, que incendiou num dia de carnaval.

O suplemento do jornal católico *A Reação* (1946) não fala da chegada do padre franciscano frei Iluminato José Coppi e do seu sobrinho, sacerdote secular José Batista Coppi, chegados da Itália em dezembro de 1901, que vinha *auxiliar o velho frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti.*[10] Nada consta nos arquivos sobre a pessoa desse "iluminista" italiano, talvez pela circunstância de ele não haver ficado em Manaus e destinar-se ao trabalho missionário no interior do Estado. Esse trabalho, aliás, não é novo: ele principia no 17.º século com a entrada dos franciscanos na Província de Santo Antônio (Belém do Pará) fundando o convento do mesmo nome. Foram eles: padres frei Cosme de São Damião, Manuel da Piedade, Antônio de Merciana, Cristóvão de São José, Sebastião do Rosário e Felipe de São Boaventura.[11] Coincidência agradável, um Cosme Damião e um Sebastião no início da catequese amazônica.

9 Foi mais tarde prefeito apostólico do Alto Solimões.

10 Notícia dada no jornal *A Federação*, de 14 de dezembro de 1901.

11 Entretanto, dos primeiros capuchinhos (sete) para a província eclesiástica do Rio Negro, em janeiro de 1844, não se refere a crônica histórica.

Primeira missa rezada no local onde foi lançada a pedra fundamental da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Desenho do natural feito por A. Santos e publicado na "Polianteia", p. 79.

O excelente livro *Capuchinhos em Terras de Santa Cruz*[12] dos padres frei Fidelis M. de Primeiro O., frei M. Cappuc, não se refere a estes frades vindos para a Igreja, apenas cita o padre frei Pedro de Ceriana, mas este era missionário e de índole malvista, severamente criticado pelo padre frei Francisco Bernardino de Sousa no livro *Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas* (Pará, 1873), padre frei Gregório Maria de Bene (falecido no Maranhão, São Luís, a 3 de novembro de 1861).

Depois desses sacerdotes, só há notícia da fixação do padre frei Jesualdo (Gesualdo) Macchetti, que veio das missões da Bolívia para o rio Negro,[13] contratado pela Província para a catequese regular.

Os franciscanos não operavam com muita regularidade em Manaus, andavam cavoucando pelo rio da Madeira. Eram primeiramente franciscanos observantes, diversificados daquela casta de eruditos e atrevidos pioneiros no descobrimento da América. Em 1872 foi mandado contratar mais quinze deles justamente com carmelitas descalços, pela Província, a fim de exercerem a catequese dos silvícolas mais entrados. Entre os sacerdotes daquele tempo salientamos as figuras díspares de frei Jesualdo Macchetti, frei Pedro de Ceriana e frei Gregório José Maria de Bene. O primeiro fundaria a Missão de São Pedro, na margem direita daquele rio, a duas milhas ao norte do lago São Pedro, em território Mura; o segundo fundou a póvoa de São Francisco, na confluência do rio Preto com o rio da Madeira, entre comunidades Arara; e frei Gregório José Maria de Bene fora removido em 1852, da povoação de São Joaquim do Rio Branco para Uaupé. Também o capucho frei Pedro de Ceriana seria transferido para a aldeia de Andirá, de que

---

12 *Nos séculos XVII, XVIII e XIX. Apontamentos históricos*. Ilustrado, São Paulo: Livraria Martins, s.d.

13 O sacerdote diz haver descoberto lá um depósito de mármore. Creio que se trata da "pedra liós", de que falava o naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira muito antes, em 1775. Entretanto, corria antigamente a notícia de que alguns "mármores" da igreja eram de proveniência regional. Ignoro até onde vai a verdade, porém ninguém se esqueça de que já havia em Manaus marmorarias empenhadas em serrar blocos de mármore para mausoléus e campas, altares de igrejas e escadas de casas nobres, e outros trabalhos menores.

ficou como diretor.[14] O ilustrado cônego Francisco Bernardino de Sousa, no clássico livro acima citado, 1873, relata a vida nada edificante desse capucho, de como enriqueceu desonestamente à custa dos índios e cabocos e de como se foi para a Itália sobraçando estufado alforje. Praticava o comércio ilícito de regatão, transacionando com os indígenas o material doado pela Província, a título de brindes. Frei Pedro de Ceriana verdade que se defendeu astuciosamente, mas ele não constitui exceção naquela época de ambições de todo gênero. Sacerdotes depois dele forraram seu pé de meia e mandaram a sotaina às ortigas, exemplificado na pessoa de certo frei José Maria Vila, da Freguesia de Moura em 1878, no rio Negro.[15]

A única torre da igreja (doação de uma penitente) é posta em concurso (1886) e em 1888 despenca-se uma janela da torre, pois a construção do templo, na última etapa, foi corrida e condenada várias vezes. É certo, por fotografias, que em 1892, a igreja aparece somente com a fachada para a praça, bloqueadas as outras três pelos prédios que se foram erguendo vizindariamente. Em 1935 é-lhe adicionado o méniane aerossístilo e o cruzilhão, recurso do arquiteto amazonense Dr. Aloísio Araújo. Mistura exótica de estilo neoclássico italiano (parte) com o gótico. Os dois receptores de velas são de construção mais recente, dos nossos dias, por causa da perigosa quantidade de velas que os fiéis acendiam junto às paredes, escorrendo a cera pela calçada e ocasionando quedas desastradas. É naquela época (1935) que chegam os painéis com cenas alusivas à obra capucha, menos os quatro evangelistas dos gomos do interior da cúpula, que são provavelmente de 1892. A propósito desses evangelistas e da teoria de anjos (a Catedral de Assis, Itália, possui teoria de anjos nos gomos da cúpula), mantive uma séria conversa com o jovem pintor restaurador Murilo Ruas, filho do pintor decorador Branco e Silva, sobre a existência de alguma chancela atribuída a De Angelis. Não que eu acreditasse na hipos-

---

14 **Cônego Francisco Bernardino de Sousa**. *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*. Belém: Tipografia do Futuro, 1837, 328 p.

15 **Alberto Rangel**. *Sombras n'água*. Leipzig: F.ª Brockhaus, 1913.

tasia, pois nunca se falou em contrato com aquele pintor. Murilo Ruas não somente me afirmou nada existir de De Angelis, como me mostrou, e tenho-o comigo, um rascunho, mostrando a firma dos autores dos painéis, por onde se vê que os quatro evangelistas foram pintados por August Ballerini e a coroa de anjos por um suspeito Masserite (?). Anos antes eu havia assediado alguns frades para conhecer a identidade das pinturas e me disseram exatamente tratar-se do italiano Barberini. De Ballerini para Barberini julga-se praticamente ligeira a diferença, mas eu acredito na palavra do jovem Murilo Ruas, até que um dia tudo seja homologado. O primeiro corpo da capela, que vem de 1870 (ideia-projeto), foi depois transformado em residência e ampliado posteriormente, perdendo comunicação com a rua do Conde D'Eu (Monsenhor Coutinho). O segundo corpo (1884) corresponde ao **mezzo** bizantino-romano da rotunda (capela propriamente dita ou ermida). O terceiro corpo (1888) inclui já três frontões, um com tímpano livre, e a torre, nave e coro, e ainda é um meio-gótico italiano condicionado e muito sem beleza original, sem atrativo porque recebeu em 1935 um reboco em fingimento de quadriláteros cor de cimento, mania dos nossos reformadores. Ideia criticável do arquiteto Dr. Aloísio Araújo. Não respeitam nem a originalidade dos templos! Pois se quiseram até cobrir de pastilhas ordinárias as paredes externas da Sé Catedral, um edifício que vem da Província e possui seu estilo característico. Em todo caso conseguiram cobrir a igreja de telhas Brasilit.

O quarto corpo (1935) desenvolve aquele aerossístilo referido. A igreja deslocou-se no aspecto sacrofuncional (capela-residência) como no aspecto arquitetônico, progressivamente para o lado sul, ela que estava originalmente voltada para o norte. A capela de Nossa Senhora dos Remédios evoluiu também do lado norte (com cemitério e cruzeiro) para o lado sul, acompanhando a primeira uma solicitação social influente, a praça (a *ágora* – atividade social, movimentação, reunião) e a segunda uma requisição da paisagem, o rio, viajantes, comércio. O fundo (cabeceira) atual da Igreja dos Remédios é quase idêntica à frente primitiva da capela de São Sebastião. Aliás, a cabeceira da Sé Catedral também porta o mesmo estilo italiano, e esta, ainda por uma solicitação dupla

(praça-rio), foi construída com a frente para o sul. Imagine-se agora, só para exemplo histórico, que a primitiva ermida de Nossa Senhora da Conceição, levantada pelos frades carmelitas e que incendiou em 1850, estava também ela voltada para o rio Negro e para a rua das Gaivotas. É a atração do espaço movimentado, o adro clássico para a realização das festas, os arraiais portugueses com muito divertimento, danças e folguedos populares.

O principal elemento decorativo, o relógio na torre, pelo tamanho (diâmetro equivalente ao da janela de cima) garante uma visão proporcional. O mesmo fato ótico se verifica com a estátua monumental da Justiça, ao parecer maior do que a longitude da janela inferior.

Ora, parece-nos a nós que esse tumultuário capricho arquitetônico não se originaria senão de tentativas bem-sucedidas de transformar paulatinamente a antiga capela ou ermida em igreja (com torre única, pois não era catedral), de conceder-lhe maior rendimento paroquial (a paróquia de São Sebastião só seria inaugurada no dia 15 de setembro de 1912 às nove horas da manhã, sendo vigário frei José Capuchinho e consagrada ao Sagrado Coração de Jesus), uma vez que a praça já estava limpa e preparava-se para receber a coluna comemorativa e mais tarde o Teatro Amazonas. Aliás, a praça (largo) de São Sebastião vem de 1867 (**Mário Ypiranga Monteiro**, *Teatro Amazonas*, I: 62; **Genesino Braga,** *Chão e Graça de Manaus*, 1974; *Relatórios da Província do Amazonas, III,* 1907). Antes, porém, havia sido em parte rasourada, pois era uma rocinha (**Mário Ypiranga Monteiro**, *História do monumento da praça de São Sebastião*, 1972). A Lei n.º 416 mandava desapropriar as casas de moradia da praça, pequenas casas convizinhas à rocinha.[16]

A igreja está de modo sentimental ligada à Província de Umbria (Itália), não somente pelo "franciscanismo" de sua vocação litúrgica como, e principalmente, pela identidade arquitetônica, a mais antiga. As três partes de que se compõe, numa medida mais ou menos equilibrada, correspondem às três construções variáveis

---

16 **Mário Ypiranga Monteiro.** *História do monumento da praça de São Sebastião*. Manaus: Imprensa Oficial, 1972, ilustrada, 54 p.

da capela levantada por São Francisco de Assis, a venerável e multissecular Porciúncula (1208), com também um domo bizantino. Diz um biógrafo de São Francisco (Pinto, Ernesto, *Francisco de Assis e a revolução social*, 40): *o templo vai-se levantando paciente e dolorosamente, recolhendo, de cada época da vida, a inspiração e a linha. Três igrejas unem-se aqui para fazer a biografia de um homem que está vivo para sempre.*

Explica-se, daí, que a Igreja de São Sebastião, muito embora não seja dedicada ao franciscano de Assis, tem repartido com São Fabiano o patronato, posto que muita gente ignore essa sociedade. Contudo, a sensação que se recolhe de um parâmetro entre as duas igrejas, a Porciúncula (Itália) e a de São Sebastião (Manaus) é que algo de muita coincidência filiatória persiste. Ocorreria aos capuchinhos da primeira fornada transferir para Manaus uma tradição eclesiástica, ou a história se desmente neste passo para dar curso apenas a certas coincidências?

O autor acima abonado ainda lembra que:

> *A cripta obscura dá a sensação do Francisco penitente, que se açoita sobre o monte Alverna e cobre suas carnes com bruto saial. A segunda igreja, iluminada com raras obras de arte, recorda o Francisco das lutas, das grandes expansões evangélicas. Na terceira, com suas rosáceas elegantes, seus vitrais incomparáveis, donde a luz se filtra para multiplicar-se em revoadas de pombos em todas as cores, com os coros majestosos, com o resplendor da decoração que se esbanja – exalta-se o homem que se aniquilou em Cristo, para ressuscitar em Cristo na esfera do mais alto dos astros.*

1879. Igreja de São Sebastião sem o zimbório e com vista do frontão para leste. Ainda não possui nem sinos nem relógio. As árvores não são as atuais nem a praça foi calcetada. A corda que se vê com galhardetes cortando o primeiro plano indica estar havendo festa, talvez até uma inauguração.

1899. Igreja de São Sebastião. Quatro frentes dotadas de frontões, sendo apenas visíveis duas. Compare-se o conjunto com a foto da atualidade. Nessa perspectiva o zimbório ainda é todo de cobre.

1900. A igreja, com o zimbório em montagem e o começo do frontão principal. Vê-se nitidamente a armação de madeira, e de frente para o leitor o frontão do lado da rua do Coronel Tapajós.

1952. Igreja de São Sebastião. Foto do autor.

Poderia haver dito – na ogdoática esfera. Não é somente a eloquência do discurso do autor acima que nos comove: é a sugestão daquilo que suspeitamos uma apoteose longínqua, distanciada veneração da pequena Porciúncula quase transplantada para Manaus, nas suas três fases arquitetônicas, no compósito etrusco-romano-gótico = Renascimento itálico, da sua arquitetura deliberadamente mexida.

Franciscus mundi Speculum deveria ser a legenda gravada a fogo e sangue no lábaro ostentado triunfalmente pela Ordem, desde aquele humilde oratório transformado em capela até a igreja atual, com a expansão missioneira pelos rios da Amazônia. E não sem muito sacrifício do corpo e da alma. As demais ordens católicas, mesmo a jesuítica, não chegam ao cúlmen do prestígio universal dos franciscanos.

Leitor amigo: pode ser que como historiador severo nos julgamentos eu esteja vendo fantasmas ali onde talvez só exista coincidência. Contudo, a opinião do autor acima, ditada pela experiência vivida na Itália, reflete em grau sensível, e com exatidão material, o que nos confunde, a ambiência material-espiritual da rotunda e do resto interior da nossa igreja. Não seria sem motivo especial que os frades obtivessem uma imagem aproximada da Porciúncula. O que o autor referido diz, sem conhecer-nos e nem a nossa igrejinha centenária, a respeito da multicentenária igreja italiana vale por uma experiência vivida: a) *cripta obscura* é a primeira capela voltada para a rua de Monsenhor Coutinho; b) *segunda igreja, iluminada com raras obras de arte*, corresponde ao conjunto da nossa segunda igreja, com um domo (meia laranja), já com uma frente para a praça; c) a terceira, *com suas rosáceas elegantes, seus vitrais*, é a rotunda. A cada uma dessas partes corresponde uma atividade de São Francisco de Assis. Certamente não estou aliciando simpatizantes para a minha hipótese, e você não é chamado a compartilhar da minha opinião, e se apresento estas singularidades é porque a história, neste caso, computa uma soma de situações tão relevantes e atuais que o historiador se sente de repente envolvido pela tentação de formular conceitos, que oxalá estejam corretos. De qualquer forma, não é singular (*credo quia absurdo*) a veneração por São Fabiano papa na Porciúncula

e concomitantemente São Sebastião e São Fabiano na nossa? Eu sempre desconfio de demasiada congeminência.

De qualquer modo, o abatido estilo italiano neoclássico de antes, semelhante a cripta, evoluiu dentro da requisição estética e é ainda italiano. Ou teria antes evoluído por um precipitado mais econômico do que estético? Dissemos ser a época de transição, fronteiriça. Mas de 1874 a 1884, a crise econômica na Província era um fato referido e discutido nas sessões da Assembleia Legislativa Provincial, procurando os deputados conter a onda de pedidos de subvenções partidas não somente da própria região como do Império e do exterior. Do exterior! Pensava-se ser o Amazonas uma vaca leiteira, de úberes fartos e inesgotáveis. E ainda, como motivo básico, em 1860 aquele largo (não praça) só possuía poucas casinhas de palha, de moradores pobríssimos.

É ainda um italiano, Enrique Mazzolani, quem em 1900 contrata as obras de acabamento interno e externo, isto é, quando são montados outros apliques decorativos, embora um aditivo, comparecido na discussão do orçamento de 11 de maio de 1869, a eles se referisse, não obtendo receptividade. Parece ser da época de Mazzolani a imagem tamanho natural do orago, pois a antiga, que andava nas procissões e nos peditórios rueiros, ficou enchendo a edícula, abaixo do frontão principal.

Da leitura de vários documentos epocais, *Relatórios da Presidência da Província do Amazonas, Anais da Assembleia Legislativa,* e periódicos, sabe-se que é de 1868 o início da construção da ermida. Mas que corpo dessa ermida? Diz um parágrafo dos citados *Relatórios* (III, 561):

> *Vai ter começo a obra da capela de S. Sebastião, que se acha contratada com o empresário Leonardo Antônio Malcher pela quantia de Rs 8:000$000 e para isso mandei entregar à respectiva comissão Rs 3:000$000, que votou a Assembleia provincial para esse templo.*

Daí por diante esses relatórios não aludem a mais nada que diga respeito à igreja. Um silêncio completo. A verba vem realmente figurando no orçamento de 1869. **Genesino Braga** (*Op.*

cit., 69 *usque* 71) cita o mesmo passo. Todavia se fala miudamente nas outras igrejas da Província. Nos *Anais da Assembleia Legislativa Provincial*, I: 13, 1868, relativo ao período 1868, lê-se em trecho da lei orçamentária, Título III, Disposições Gerais, art. 5.º:

> *Será entregue à Irmandade de S. Sebastião a quantia de 3:000$000 para coadjuvar a obra da capela que a Irmandade vai levantar, ficando a dita Irmandade obrigada a dar começo à mesma obra no prazo de seis meses, ficando sem efeito esta disposição na falta de cumprimento desta obrigação.*

A proposta foi feita pelos deputados Freitas Guimarães e o itaquatiarense Francisco de Paula Belo em sessão de 12 de junho de 1868. Este era secretário da congregação sebastianista.

Conote-se bem o tempo exigido para dar-se começo à edificação do templo: seis meses a partir de junho de 1868. A 11 de maio de 1869 a ermida não estava pronta, e nem poderia estar, pelo que o deputado Francisco de Paula Belo, na sessão desse dia, mandava à casa um projeto aprovado: *O Governo da Província mandará entregar à irmandade de S. Sebastião a quantia de 3:000$000 réis para a* ***conclusão*** (o grifo é nosso) *da ermida que a dita irmandade está mandando edificar para o Santo Mártir*.

Não seria possível que em menos de um ano se construísse o que é hoje a igreja. Além do mais nem sempre se apela para o termo igreja, mas vulgarmente para as expressões capela ou ermida, o que significa um corpo de edifício de exíguas proporções. Em 1871, 17 de abril, o secretário do governo encaminhava à Assembleia ofício da Irmandade de S. Sebastião, no qual ela requeria a quantia de 5:000$000 para *ocorrer as despesas com o concerto da respectiva capela*. Nesse mesmo ano a lei orçamentária, Título III, Disposições Gerais, parágrafo 4.º, manda dispender até a quantia de Rs 1:000$000 com a aquisição de alfaias e ornamentos para a capela de S. Sebastião. E é extremamente curioso que em 1877, na sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial, de 22 de junho, o famanado padre Daniel Pedro Marques de Oliveira, por quem tenho decisiva admiração, mas porque principalmente ali-

mentava a maledicência com as suas aventuras don-juanescas em nada inferiores às do padre frei José dos Santos Inocentes; o brigão padre Daniel pedia informes sobre a compra de alfaias. Essa história das alfaias deu água pela barba.

Dito isto, chega-se à conclusão de que somente os artistas italianos desde Arthur Lucciani que residia na rua do Conde D'Eu, até Enrique Mazzolani e frei Illuminato Coppi, mexeram no estilo do templo, acrescentando sucessivamente, aumentando-o horizontal e verticalmente. Mas Sílvio Centofanti, se vivo fosse, sorriria condescendendo em que madame Luizinha Quadros não tumultuava apenas corações...

Voltemos mais uma vez ao estilo compósito da capela-igreja: é somente depois de 1890 que a única torre é levantada com sacrifício pecuniário, vai daqui, vai dali, dinheiro não havia. Armam-se os clássicos arraiais com jogos e prendas (por amor à continuidade os frades continuaram jogando futebol na praça, pondo em risco a estrutura do monumento), mas é levantada sobre o lado esquerdo do corpo frontal oeste-sul. Torre em agulha com seus exíguos *abatjours suspirails* diferentes no estilo aos da Sé Catedral, flecha fugindo da coroa de turrícolas ou campanilas, cópia mais ou menos fiel da única torre da Basílica de Nossa Senhora de Lourdes. Nenhum paralelismo rítmico com o italiano-compósito do resto do edifício. A torre é uma excrecência e só se salva pelo medíocre goticismo ambicioso de espaço. As ilustrações da época remota dizem melhor do compulsório *manquê* em que dedos indisciplinados andaram configurando imitações, cristalizando a obra numa maciça peça compósita, um conglomerado de que apenas se salva a rotunda pelo que de manifesta ingenuidade existe nela. Isto porque a torre nem campanário era. A economia de espaço não permitia a colocação de mais de um sino, médio. Os sinos, médio e pequeno, fundidos na Itália, foram *benzidos e instalados em 1933*, data da colocação do relógio. A notícia da instalação dos sinos, dada na *Polianteia*, é pouco veraz, pois muito antes, uns dez anos talvez, frei Domingos era advertido pela Intendência Municipal de que posturas policiais vigentes proibiam dobrar sinos, fato que causaria aborrecimentos a uma e outra parte, polêmica, intervenção da Cúria etc. Desde aí as igrejas de Manaus deixaram

de planger dolorosamente a finados e marcar o meio-dia. A igreja foi benzida no dia 8 de setembro de 1888, por antecipação.

Não se compreende como havendo a Província empregado tanto dinheiro naquele templo ele se arrastava esmolando a caridade pública, crescendo a prestações insignificantes. Em 1880, 4 de fevereiro, o deputado Barreiros mandava um aditivo à rubrica Obras Públicas, *§ 8.º – Auxílio às obras da **nova*** (o grifo é nosso) *Igreja de S. Sebastião desta cidade – 5:000$000.* Está parecendo que essa dinheirama somente frequentava o papel, acenando de longe à iniciativa dos fraires que procuravam solucionar o problema apelando para as dádivas do povo.

O resto arquitetônico da igreja se equilibra pelo ingênuo arremedilho provinciano. Correndo parelha com a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, aquela também conspurcada depois do incêndio de 1821 ateado pelo povo revoltado (**Benfica**, *Ligeiro histórico da Igreja dos Remédios;*[17] **Mário Ypiranga Monteiro**, *A Catedral Metropolitana de Manaus,* cit.), a igreja se endireitou, reconstruída em 1827, e cada vigário que entra na posse da paróquia dá um jeitinho para deixar a sua "presença" marcada no conspecto, uma melhoria, para pior, acabando de estragar o que já vem sendo estragado desde o início. Pior a emenda que o soneto, dizia naqueles idos o bem-humorado padre Daniel com sua sexta-feira pespegando-lhe cafunés, ao defender amoravelmente a importação de tabaco, sua curtição. Verdade que sua nota de culpa, publicada no volume quinto dos *Relatórios da Província,* não é nada lisonjeira. A 14 de dezembro de 1901 chegavam os franciscanos frei Illuminato Coppi, um grande artista, e seu sobrinho sacerdote secular José Batista Coppi, ajudante. A planta da igreja foi aprovada em março de 1900, consoante notícia estampada no jornal *A Federação* de 4 do mesmo mês. Estou quase querendo acreditar que a vinda do frade pintor e iluminista tem alguma coisa a ver com a aprovação da planta, um ano antes, homologada na Itália, mas organizada em Manaus, sob o risco do gabinete de Obras Públicas. Todavia, não disponho de subsídios para comprová-lo.

---

17 **Francisco Carioca Benfica.** "Ligeiro histórico da Igreja dos Remédios". In: *Vitória-Régia*, abril de 1932, ano I, n.º 4, Manaus.

Mas é soberbamente pitoresco que o nome fizesse o artista. Parece que aqui foi rompido o axioma de que o hábito não faz o monge como o nome não faz a pessoa.

Comparando-se as gravuras de exteriores da capela, de 1890 (vários ângulos), com o que hoje apresenta, observa-se perfeitamente o que deixamos dito com relação às quatro frentes, depois três. O zimbório sofreu leves alterações, mas dos frontões triangulares, somente o da rua do Progresso (Dez de Julho) escapou a reformulações antigas. Os outros três moderaram-se, bem como a parte lateral (que antes fora a dianteira), denominada cabeceira. Fechou-se com muros altos os vãos laterais permitidos pelos corpos avançados, conseguindo-se maior rendimento interno. Nesses vãos ficaram, do lado esquerdo (entrada), o batistério e do lado direito a gruta consagrada a Nossa Senhora de Lourdes, mandada fazer pela senhora Elza Perdigão. O belo presépio tamanho natural, de gesso (ou de pó de mármore), adquirido em Paris, em 1904, foi um presente da esposa do governador Silvério José Nery.

Primeiramente o presépio esteve montado na Casa de Misericórdia, onde era muito visitado. O chefe da família Perdigão era o desembargador Raimundo Perdigão. A história daquela gruta é singular. Diz o jornal *Amazonas*, de agosto de 1912, que fora inaugurada no dia 15 às sete e três quartos da manhã. Deu a bênção o reverendo prefeito apostólico do Solimões. A seguir, realizou-se procissão com a imagem. O trabalho é imitação perfeita, réplica do original francês. Seria mesmo? Serviram de paraninfos as senhoras Amélia Bittencourt, Raimunda Antony, Elza F. Perdigão, Noivinha Guilhobel, Sofia de Brito Pereira, Albina Sarmento Mata, Maria Nery, Elvira Miranda, Lúcia de Barros, Adelaide Melo, Zuíla Amaral, Maria José Pinheiro, Benvinda Coelho, Adelaide Costa e Ana Barros. Todas elas elementos do *grand monde* manauense, esposas de fulanos pendurados na administração pública. Era o que salvava, naturalmente por solicitação de interessados. O trabalho de preparação da gruta se deve ao artista italiano Michaeli Raffaelis coadjuvado por Francesco de Luigi. Mas a imagem é da fábrica de Sílvio Centofanti. A gruta foi emparedada recentemente. Sabendo do ocorrido, investiguei o motivo. Respondeu-me um dos frades novatos (dos que sucederam a frei José

Capuchinho, frei Domingos, e outros mais que não conheci) que se ia ali instalar um batistério. É singular! Não abriram o batistério e impediram que um objeto de arte sacra fosse contemplado e utilizado pelos usuários da fé cristã. Como se a arte, mesmo profana, não devesse ser respeitada. Bem haja aqueles modestos fraires que tudo fizeram para o aumento da capela, mesmo rompendo com o seu traçado original. E bem haja o meu já mortíssimo padre Daniel que ia à tribuna do Legislativo Provincial exigir prestações de contas das alfaias e demais paramentos mandados adquirir para as igrejas e desviados sabe Deus para onde... O resto da história eu sei muito bem: um linguarudo famanado, impenitente fofoqueiro, desses habituais "historiadores" de esquina, fazendo-se de corifeu, ou de colher de pau, foi dar com a língua nos dentes, assoalhando disque-disques a respeito de certa dama que teria posado para a imagem da santa, o que não é verdade, quanto à pessoa aludida. A dama inculcada, que também contribuiu para o aformoseamento da única torre, deve de haver nascido ao derredor de 1860-70 e até pelo menos 1950 ainda vivia frequentando assiduamente a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, apesar dos seus noventa janeiros nevando a cabeça. Contou-me o Dr. Deoclides de Carvalho Leal que a conhecera por acaso naquela casa de chá das cinco, quando ele e outros falavam de Manaus e dos bons tempos. Aí a dama identificou-se e passou a tomar parte ativa na conversa. Talvez até relembrasse os carnavais de 1904-05, em que circulava de Vênus brotando de uma concha dourada, confundindo a multidão com sua beleza jovem e seu desprendimento.

A Igreja de São Sebastião vista do alto do Teatro Amazonas. Foto de Hamilton Salgado, especial para esta edição. 1998.

Torre da Igreja de São Sebastião, com a janela ogival. Observe-se o frontão emblematizado e o tímpano com dentículos. Estes aparecem como suportes da cornija e do balaústre com motivos radiantes. O lampião (reconstituição atual mal orientada), que se assemelha um pouco aos da Manáos Railways, não se identifica com os da Manáos Tramways. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro. 1998.

Igreja de São Sebastião. Foto do autor – 1997.

Igreja de São Sebastião. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro, 1998.

Igreja de São Sebastião. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro, 1998. Riscos do autor.

Visão panorâmica das duas fachadas da Igreja de São Sebastião.
Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Suporte para velas. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro, 1998. As colunetas são da ordem toscana.

Pia do batistério, em mármore. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro. 1998.

Cripta e ossuário. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro. 1998.

Igreja de São Sebastião. Entrada da única nave. Foto de Hamilton Salgado, para este livro. 1998.

Visão da rotunda com teto pintado e parte do tambor da cúpula com os evangelistas e a teoria de anjos. Foto de Hamilton Salgado, para este livro. 1998.

Detalhe interior do zimbório com claraboia ou janela de luneta, com os evangelistas nos pendentes triangulares. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro. 1999.

Ornamentação do teto da autoria do pintor italiano Sílvio Centofantti. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

São Sebastião mártir recebendo as graças na hora da expiação. Afresco atribuído a Sílvio Centofanti Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro,1999.

Detalhe do altar-mor com a redoma de São Sebastião em tamanho natural. Foto Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Diorama do presépio: São José adorando o menino Deus. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro, 1998.

Aspecto global do presépio. Foto da revista "Polianteia". A foto foi prejudicada na parte do segundo plano, onde estão os camelos, pastores e reis magos, a menos que uma nova mentalidade haja afastado os últimos personagens, por incompatíveis com as elites da magia pura, a alternativa.

Mas onde está o crime? Todos sabem que as mais belas obras de arte, ou retratos de santos, inclusive de Nossa Senhora, tiveram o profano por modelo, porque a Beleza, como queria Platão, é o protótipo da Verdade e todos os templos cristãos estão replenos de obras de arte desse tipo. Somente nesta terra onde a estupidez prolifera e os arrivistas são mais reais do que o rei, é que se tomam dessas atitudes que revelam apenas hipocrisia, falso decoro. Bem haja o padre Daniel com seu "travesseiro de orelha" ostensivo e os seus "afilhados" derramados pelos barrancos do rio da Madeira, desde Silves até Itaquatiara. Quantos não fazem o mesmo manhosamente? Dizia em 1878 (sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial de 16 de outubro) o deputado Ferraz:

> *(Continuando) Idem, idem da capela de S. Sebastião desta cidade 1:000$000 réis – Constantemente se consigna quantias para melhoramentos desta capela, mas nunca se dá o dinheiro, de maneira que essa capela continua com o aspecto de uma verdadeira arapuca, colocada em uma das praças mais bonitas que temos nesta cidade. Não me oponho à verba mas desejava que ela se tornasse efetiva e não figurasse somente nos orçamentos como até agora; se é que se quer uma capela nos subúrbios desta capital, porque as paredes estão a desmoronar-se.*

O deputado refere-se à verba constante de Rs 1:000$000, e o deputado Pedro Luís Sympson aparteou com as seguintes palavras: *Quanto à verba de um conto de réis, destinada à capela de S. Sebastião, também o nobre deputado não pode assegurar que não havia na lei anterior.*

O mesmo deputado Ferraz volta à carga na sessão de 16 de abril de 1879. Parece que deixaram os senhores representantes do povo serenar os ânimos, esquecer as antagônicas discussões. Dizia ele:

> *Cabendo-me mais a palavra, submeto a esta assembleia um projeto, e para ele chamo especialmente a atenção dos nobres deputados que são párocos de freguesias, os srs. padre Fernandes e padre Daniel (Lê). Não podendo mais funcionar a capela de S. Sebastião*

por seu mau estado que a cada momento ameaça desabar, tanto assim, que os atos religiosos têm lugar nas casas dos missionários; tenho a honra de submeter à consideração desta assembleia o seguinte projeto.
A Assembleia Legislativa do Amazonas resolve:
Art. 1.º – É autorizado o presidente da Província a despender até a quantia de dez contos de réis, com a conclusão da igreja de S. Sebastião, ereta na praça do mesmo nome nesta capital.
§ Único – Estas obras serão feitas por administração, ou arrematação com quem mais vantagens e garantias oferecer à província, sob a fiscalização e direção do engenheiro diretor das obras públicas.
Art. 2.º – Revogam-se as disposições em contrário.
Sala das comissões da Assembleia Legislativa do Amazonas, 16 de abril de 1879. – O deputado Estevão José Ferraz.

Na sessão seguinte, dia 17, na discussão, refere-se à *reedificação da capela de S. Sebastião*. O projeto passou em terceira discussão e foi à redação final na tumultuada sessão de 26 de abril de 1879.

Discussão interessante, provocadora de hilaridade é a que ocorreu na sessão de 12 de maio de 1879. Transcrevemos na íntegra:

O sr. Ferraz – Peço a palavra.
O sr. Presidente – Tem a palavra.
O sr. Ferraz – Primeiramente é para mandar uma emenda relativa aos 10:000$000 réis, que se votou para a igreja de S. Sebastião, que não vejo aí incluídos.

Lê e manda à mesa o seguinte:

Aditivo ao art. 6.º do projeto n.º 25.
Como auxílio para a conclusão da obra da igreja de S. Sebastião desta capital 10:000$000.
Paço da Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, em Manaus, 12 de maio de 1879.

– O deputado Ferraz.
– O sr. Miranda Leão – Isto já é lei, e a comissão tem de oferecer a emenda para consignar os fundos necessários para sua execução.
O sr. Ferraz – Continuando com a palavra vou opor-me à emenda do nobre 1.º secretário.
Sr. presidente, é de alta conveniência esta assembleia votar estas quantias para igrejas, mas a experiência tem demonstrado que com essas pequenas verbas nada aproveita; principalmente para a igreja de Itaquatiara que está em péssimas circunstâncias.
O sr. Mavignier – Não é para a matriz; é para uma igreja feita por um particular à custa de esmolas.
O sr. Ferraz – É este senhor que aqui veio solicitar um auxílio desta assembleia?
Tanto pior, voto contra porque ele que a começou que a acabe.
O sr. Mavignier – Este não a fez com os seus recursos somente, mas com auxílio de esmolas que tirou para esse fim.
O sr. Ferraz – Eu refiro-me a Matriz, cujo estado é lastimoso, e não há de ser com essa pequena quantia que se poderá melhorar essas ruínas a que se acha reduzida. Até na cabeça dos Santos tem ninhos de cabas.
*Quanto a essa igreja a que se refere o nobre deputado, uma vez que foi construída a expensas desse senhor ele acabará de cobri-la. Passou na casa uma lei dando 10:000$000 réis para a igreja de S. Sebastião desta capital, devemos cuidar primeiro de nossa casa, e depois das dos outros (**Reclamações**).*
O sr. padre Daniel – E o interior que concorre para as rendas do tesouro não deve gozar também dos benefícios?
O sr. Ferraz – Sr. Presidente, votando-se 10:000$000 réis para a Igreja de S. Sebastião; mais 10:000$000 para consertos e alfaias da igreja de N. S. dos Remédios, que é bem empregado, porque todos reconhecem o estado em que se acha aquela matriz...
O sr. Dias dos Santos – Hei de dizer ao vigário dos Remédios para lhe dar os agradecimentos.
O sr. Ferraz – Parece que o nobre deputado com isto quer fazer espírito figurando-me como oposto a tudo quanto é da igreja; entretanto quem se lembrou aqui de pedir 10:000$000 réis para a igreja de S. Sebastião?

O sr. Miranda Leão – Não responda a apartes que perde o fio do discurso.
O sr. Ferraz – Como é que se empresta sentimentos irreligiosos a quem assim procede? Como é que se vem poluir uma intenção boa?...
Um sr. deputado – A expressão não é parlamentar.
O sr. Ferraz – Sr. presidente, declaro que os apartes desviaram-me da direção que queria dar ao meu argumento.
O sr. Miranda Leão – Já vê que perdeu o fio do discurso.
O sr. Ferraz – Parece que v. exc. me quer debicar?
O sr. Miranda Leão – Não sou capaz; eu preveni a v. exc. que não respondesse a apartes.
O sr. Ferraz – Em conclusão, declaro que voto contra o aditivo do sr. Mavignier.

Por aí foi a discussão nesse timbre. Foi o dia das igrejas serem beneficiadas, as igrejas do interior, pois vários deputados usaram da palavra e defenderam seus projetos. No final foi aprovado o projeto em benefício de algumas capelas do interior que se apresentavam em estado precário, inclusive a de Silves. Por causa dessas maroteiras é que Inglês de Sousa fez o romance *O missionário*. Na sessão de 23 de maio desse ano o mesmo deputado Ferraz dizia entre outras coisas:

Quando apresentei a ideia de se votar dez contos de réis para a igreja de S. Sebastião foi porque reconhecia que era uma necessidade indeclinável, pois como todos sabem aquela capelinha está a desabar; mais dez contos de réis para os Remédios, mais para aqui, mais para acolá, aonde vai isto parar?

A vez seguinte é a do deputado Antônio José Barreiros, que na sessão de 21 de janeiro de 1880 manifestou-se da seguinte maneira:

Considerando que não tendo sido aplicada às obras da capela de S. Sebastião desta capital a quantia de 4:000$000 réis votada no

art. 17, § 1.º da lei n.º 278, de 27 de maio de 1873, e 1:000$000 réis no art. 9.º da lei n.º 377, de 31 de julho de 1877; proponho à consideração da casa o seguinte projeto:
A Assembleia Legislativa Provincial resolve:
Art. Único. Fica desde já e dentro deste exercício, o Presidente da Província autorizado a despender com a obra da capela de S. Sebastião desta capital a quantia de cinco contos de réis. Revogadas as disposições em contrário.
S. R. – Sala da Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, 21 de janeiro de 1880. – Antônio José Barreiros.
Tem 1.ª leitura e tem o n.º 7.

No mesmo ano o deputado mandou a emenda seguinte: – *Na rubrica – Obras Públicas – acrescente-se o seguinte: § 8.º – Auxílio às obras da nova igreja de S. Sebastião desta cidade – 5:000$000.* 4/2/1880. Novamente o mesmo deputado insiste nos dez contos de réis, mandando um aditivo *para onde convier: Para auxílio às obras da capela de S. Sebastião desta capital 10:000$000*, 11 de maio de 1880. O aditivo não passou sem comentário. O deputado Shaw, tão atilado como o seu homônimo inglês, *chama a atenção da casa para a emenda que manda dar mais 10 contos de réis para a igreja de S. Sebastião, quando para a Matriz dos Remédios só se deu 10 contos de réis.*

E vem o deputado Lima Bacuri e comenta:

A emenda apresentada pelo sr. Barreiros está em desproporção com as demais igrejas.
Já tendo-se votado na sessão extraordinária para a capela de S. Sebastião a quantia de 5:000$000, com mais 10 contos que agora lhe quer dar a dita emenda, vem a ficar essa capela com 15:000$000, quando para a igreja dos Remédios, que é matriz, de uma freguesia, só se consignou 10:000$000.[18]

---

18 Matriz enquanto não se construía ou acabava a nova igreja de Nossa Senhora da Conceição padroeira.

E foi contrariando o aditivo de 10:000$000, rejeitado o projeto adicional n.º 13, ficando a capela com aqueles dez contos de réis. Continuando a preocupação pelo estado de ruína da capela de S. Sebastião, a discussão ativou-se na sessão de 11 de maio de 1880, ainda com a palavra o deputado Shaw:

> *O sr. Shaw – chama a atenção da casa para a emenda que manda dar mais dez contos de réis para a igreja de S. Sebastião, quando para a Matriz dos Remédios só se deu 10 contos de réis.*
> *O sr. Labre – diz que pediu a palavra etc. (não interessa para o nosso assunto).*
> *O sr. Lima Bacuri – diz que não podendo justificar o seu voto por ocasião da votação vem fazê-lo agora. A emenda apresentada pelo sr. Barreiros está em desproporção com as demais igrejas. Já tendo-se votado na sessão extraordinária para a capela de S. Sebastião a quantia de 5:000$000, com mais 10 contos que agora lhe quer dar a dita emenda, vem ficar essa capela com 15:000$000, quando para a igreja dos Remédios, que é matriz de uma freguesia, só se consignou 10:000$000.*
> *A capela de S. Sebastião desde que se começou tem sido pesada aos cofres públicos. Parece que uma fatalidade pesa sobre essa casa de Deus; porque o orador* ***tem ideia de que já se tem feito três*** (o grifo é nosso). *Na 1.ª gastou-se 18:000$000, depois com os reparos mais alguns contos de réis. Começou-se outra por detrás da primeira; depois entendeu-se não chegava para a população que costuma concorrer à festividade do glorioso mártir, e abateu-se tudo para se levantar outra.*

Após a discussão procedeu-se à votação, aprovado o projeto salvo emendas e aditivos. Pela voz do deputado, compreende-se a situação curiosa atravessada pela edificação do templo. Grifamos o passo acima porque ele na verdade representa quanto de numerário foi empregado, afora aqueles dezoito contos de réis (Cr$ 18,00) e a quantidade e qualidade de reformas sofridas ao andar de menos de vinte anos, começando-se de 1869.

Continua a luta pela salvação dos restos da capela. Na sessão de 27 de outubro de 1880 aparece novo aditivo ao parágrafo 13 do artigo 9.º do projeto 70, aumento de crédito: *Para continuação das obras da igreja de S. Sebastião 6:000$000 réis.* Na sessão de 13 de maio de 1882 o deputado Ferreira Pena de Azevedo foi mais longe e mandou para o projeto 69 o seguinte: *§ Para onde convier. – Art. 9.º – Prestação para continuação da igreja de S. Sebastião na capital 20:000$000 réis.*

É bem possível que as esposas de certos deputados estivessem manipulando os cordéis da adulação e do peditório, além do concurso empregado nas festas de arraial. A concorrência religiosa se fazia de bairro a bairro, e o de São Sebastião ficava já muito afastado do Centro, como dizia aquele deputado, chamando-o subúrbio. Entretanto, não era a razão da distância e sim da situação pouco aprazível em que se encontrava, ladeado por três igarapés e pelo mato brabo e com o cemitério da Casa de Misericórdia funcionando pouco distante. A posição da capela em relação ao nível atual da praça pode ser perfeitamente conhecida se observarmos a altura em que está edificado o Teatro e altura da parte posterior da igreja hoje. O largo foi escavado e nivelado, e a terra removida para o igarapé dos Remédios, mais conhecido popularmente pela denominação de igarapé do Aterro, hoje avenida de Getúlio Vargas, antiga 13 de Maio.

Já na sessão de 19 de maio de 1882, os deputados Bento Aranha e J. Meireles mandavam emendar para dez contos a prestação, invés de vinte. Enquanto a preocupação dos representantes do povo pela capela aumentava, parece haver diminuído o interesse pelas duas igrejas dos Remédios e Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Na verdade, havia interesse, e elas iam subindo, mas a preferência mesmo era pela capela de São Sebastião.

Em 1883 (sessão de 4 de abril) promove o deputado A. J. Barbosa:

> *Sr. Presidente, todos sabem, que o Revmo. Missionário, frei Gesualdo Macchetti está construindo um belo templo nesta capital cujo orago é o milagroso mártir S. Sebastião, à custa de esmolas de fiéis; aquele piedoso missionário é digno das atenções e auxílios*

desta Assembleia, porque está fazendo grande economia aos cofres públicos.
Um sr. deputado – A construção desse templo tem custado mais à província do que as esmolas dos fiéis.
O sr. Barbosa – A obra já se acha bastante adiantada e por isto vou apresentar um projeto concedendo um auxílio para a sua conclusão. Lê e manda à Mesa o seguinte projeto:
Considerando que esta província deve auxiliar as obras da igreja de S. Sebastião prestes a concluir-se, devido aos esforços do hábil e incansável missionário frei Gesualdo Macchetti;
Considerando que tão digno e honesto missionário pelas economias que tem feito para os cofres provinciais, erigindo um templo por meio de esmolas, não pode deixar de ser atendido, tenho a honra de submeter à consideração da casa o seguinte projeto:
A Assembleia Legislativa Provincial decreta:
Art. 1.º – Fica o presidente da província autorizado a dispender a importância de vinte contos de réis para a conclusão da igreja de S. Sebastião.
Art. 2.º – Revogam-se as disposições em contrário.
Paço da Assembleia, 3 de abril de 1883. – A. J. Barbosa.

Tomou o número seis e tem a primeira leitura. Em 5 de junho é discutido e aprovado sem objeções. Mas novamente em 1883 aparece um aditivo ao art. 9.º, parágrafo 12, da autoria dos deputados Bento Aranha e J. Meireles, fazendo baixar para quinze contos de réis aquela subvenção. Parecia antes um jogo de peteca, bate daqui, rebate dacolá. Tão pronto um deputado cioso das finanças da Província tratava de reduzir a subvenção, outro certamente acicatado pela esposa religiosa, ou pelas suas convicções cristãs, quando não se tratava de padre deputado, fazia subir a bola, o bolão. É o caso da emenda do padre Dácio, na mesma sessão, mandando um aditivo *para onde convier*, para aquisição de dois altares de mármore para a igreja, na importância de nove contos de réis.[19]

---

19 São os retábulos de mármore, articulados, em que se apoiam as imagens de São Expedito e de São Fabiano. A grande imagem do orago já teve a sua proteção mutilada

A capela ou igreja (ninguém se entende mais) continuou sendo objeto de interesse da parte dos deputados provinciais, daqueles que se interessavam realmente pelos negócios públicos, não importa que credo político ou religioso abraçasse, uma vez que o que estava em jogo era a questão social, era o Estado. Por isso é que os homens de leis esqueciam suas ligações com a maçonaria, com o positivismo, este mais oponente, para reconduzir ao povo o que o povo entrega em impostos. Hoje não acontece: certos administradores julgam-se proprietários da economia oficial, enquanto o povo, que paga impostos para obter serviços e comodidades, apenas contempla silencioso aquilo que aos olhos de muitos parece magnanimidade, quando na verdade é obrigação. É pitoresca a discussão havida certa feita a respeito da *instituição do nome* em obras realizadas. Uma discussão bem-humorada, quando se condenava ao presidente Paranaguá por haver mandado inscrever seu nome em pedra num desses serviços. Os membros da oposição gritavam que mais feio fora o gesto do presidente Dr. Domingos Monteiro Peixoto, mandando insculpir o seu nome na cabeça dos sinos adquiridos para a Sé Catedral, cabeças que vieram quando chegaram os sinos e que a Província foi obrigada a mandar comprar novamente. Isto significa que a vaidade ostensiva vem de longe, como se não fora obrigação do homem público ocorrer às necessidades do povo. Em Manaus isto é praxe: qualquer mediana obrinha vem logo acompanhada do ostensivo reclame e da placa alusiva.

Em 1884 Bento Aranha manifestava-se contra a emenda do deputado Pedro Aires Marinho, declarando que *se passa a emenda do sr. deputado Marinho, serão obrigados a verem paralisadas outras obras, sejam a de S. Sebastião, que desabará, certamente, se não forem continuadas*. E lembrava a necessidade de dispender-se cem contos de réis com as várias obras referidas. Aqui está como o homem que dizia em público ser livre-pensador e republicano de papo amarelo (o papo amarelo é nosso), positivista ferrenho e mação, era o mais interessado em acudir às necessidades das igrejas,

---

(cúpula), e o fato se deve a uma recente tentativa de reformular o altar. Com as novas tendências pessoais dos sacerdotes a Igreja vai perdendo a austeridade. E os fiéis a fé nas tradições cristãs.

embora às vezes atacasse o trabalho do clero, principalmente no capítulo catequese indígena. Tome-se o exemplo abaixo, extraído da troca de palavras na mesma sessão:

> *O sr. Rocha dos Santos – Já na 1.ª discussão desse projeto declarou que votava contra. Hoje renova a sua declaração. / Não precisamos de igrejas no interior, porque não há padres. O culto público na maior parte das localidades só se manifesta por bandos de especuladores, que armados de bandeiras encarnadas andam fintando as pessoas sob o pretexto de esmolas para as festas. O orador é católico, apostólico, romano; e por isso mesmo não pode admitir que se edifiquem igrejas para ficarem ao abandono ou para serem entregues aos especuladores que acabo de citar.*
> *O sr. Bento Aranha – Não conheço especuladores maiores do que os padres.*

Aí está o caráter do deputado que cuidava do espiritual com honesta convicção. Incitava a proteção aos templos necessitados de ajuda financeira, mas criticava o clero que não se comportava decentemente. Certa feita, em 1884, na sessão da Assembleia Legislativa Provincial, de 25 de março, sessão solene de instalação, o deputado espírita Deodato acrimoniosamente invectiva o processo de juramento do deputado Bento Aranha, ao que ele respondeu *que a novíssima lei da reforma eleitoral assim lhe faculta. O juramento que prestou é o que lhe dita a consciência* (**Há diversos apartes**). Grifos no original. A que respondeu o deputado Rocha dos Santos, fazendo espírito: *Ainda hei de ver V.* Exc. *ajudando missas* ***(Hilaridade).*** E Bento Aranha: *É muito possível. Mas por enquanto preso-me de não trazer sujeita à vontade da cúria romana a minha liberdade de consciência.*

A verdade é que o filho do sempre lembrado João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha vivia constrangido na sua qualidade de eterno oposicionista e livre-pensador, vítima da bonomia dos confrades que aproveitavam as ocasiões e deixas para lembrar-lhe a Igreja Católica, a quem o escritor respeitava de perto mas não admirava de longe. As notícias a respeito de benefícios propostos

para atender ao progresso da Província e anseios da população vão minguando agora. É que a Assembleia Provincial, o célebre **poleiro de periquitos**, passa a ser mais um antro de preocupações políticas, de insultos pessoais. Existem sessões inteiramente consagradas a palavrório sem outro objetivo que enaltecer governos ou criticá-los, dando rédea solta ao panegírico dos partidos políticos. Os projetos somem na montoeira de refregas parlamentares, distancia-se a discussão, prolonga-se o movimento de aceitação ou recusa de estímulos financeiros a empresas particulares, auxílio a estudantes pobres, beneficiamento da cidade. Que é feito dos projetos mandando instalar a luz elétrica, a água encanada da Cachoeirinha, a exploração de bondes puxados a burros e depois a eletricidade, a construção de pontes de ferro e de madeira sobre igarapés, a abertura de novas ruas? A magna questão da abertura de estradas de rodagens, de subvenções a companhias de navegação a vela e a vapor, de instalação de fábricas de beneficiamento de borracha, todo esse complexo acúmulo de projetos andava às moscas. Parece que o único projeto que não morreu mesmo de todo (bem haja!) foi o da libertação ostensiva do negro escravo. A esse todos os representantes do povo dedicavam cada vez maior interesse e isto é bastante curioso porque afetava de muito perto a economia. Mostra pelo menos que o espírito de humanidade ainda era uma constante indeclinável no caráter do homem.

E por causa daquele juramento de Bento Aranha, contrário ao regimento da casa, mas de acordo com a última lei eleitoral, vigente, o ambiente ficou tenso, criou-se uma atmosfera de antipatia que perdurou durante várias sessões, repetindo-se sem necessidade, até que o livre-pensador, agastado, dissesse: *Sr. presidente, parece que é propósito da minoria desta Assembleia atacar e querer coarctar a liberdade de consciência.*

A que o deputado Castro e Costa respondeu com um *não apoiado*. Voltou o Sr. Bento Aranha:

> *Ignoro, porém, o móvel a que se apega a minoria para sempre nesta casa opor-se ao livre pensar de um deputado; se este presta juramento em desacordo com o Regimento, que nos regula, para acoimá-lo de ateu. A liberdade de consciência é permitida pela cons-*

tituição do Império, como a praxe dos juramentos caducou depois da novíssima reforma eleitoral.
Se me afastei do juramento prescrito no Regimento, é porque não se harmoniza ele com a minha consciência e mesmo à vista da reforma eleitoral, que revogou ***ipso facto*** *o Regimento desta Assembleia na parte relativa ao juramento. / Não cause espanto o eu não ter jurado aos Santos Evangelhos; não se me acoime por isso de ateu. / Entendo que assim procedendo não desmereço no conceito de outrem. Bem poucos, declaro eu agora solenemente, são os colegas que se vão curvar ao confessionário; bem poucos são os que se devem julgar ilesos de pena e culpa, entretanto dizem ser católicos apostólicos romanos! / Portanto, ninguém pode jogar-me a primeira pedra, nem censurar-me a opinião, principalmente quando baseia-se na lei.*

Esta pífia discussão repetia-se toda vez que um livre-pensador teria de fazer o juramento. Como se durante todo o tirocínio desses representantes do povo, eles tivessem tido realmente algum dia qualquer interesse em defender o povo desse parapeito. O tempo da Inquisição passara e no Amazonas já os padres protestantes estavam começando o seu mister missionário, iniciando por Manacapuru. As "doutrinas exóticas", as "ortodoxias más" estavam preocupando os padres católicos, que viam na prática uma atrevida e desleal concorrência e, por que não dizer?, uma intromissão nos seus arranjos econômicos. Principalmente se aqueles padres protestantes tivessem a infeliz lembrança de pedir ajuda para a construção de templos. O caso, todavia, foi bater na Assembleia Legislativa Provincial, com repercussão nos debates, morrendo sem interesse, porque agitado por deputados padres. A "ortodoxia" continuou e estendeu-se até pelo menos ao Alto Solimões, de onde derivou para outros lugares. Mas não ficou sem a marca da persecução católica romana. E como todo credo perseguido tem vantagem de criar raízes e propagar-se, haja vista o primeiro cristianismo, com os seus mártires e apóstolos, seus santos e seus heróis, o credo ortodoxo avançou no silêncio e na persistência dos seus pregadores, espraiando-se pela região imensa do Amazonas

superior onde teve a sua maior concentração, indo bater nos confins de Santo Antônio do Içá, Tabatinga, Loreto, Letícia, São Paulo de Olivença, Tefé, Alvarães, Silves, um universo de aceitação. É curiosa esta afirmação do credo reformista, porque se ele cresceu e deitou fruto foi por causa unicamente da situação privilegiada que encontrou e que já vinha sendo submetida a apreciações justas, tanto da parte de leigos como de sacerdotes católicos: havia falta de missionários; havia escassez de templos; havia facilidade aberta a qualquer ortodoxia pela credulidade do povo propenso a aceitar promesseiros, tiradores de rezas, ladainheiros, carolas ambiciosos, toda a casta prolífera de charlatães, membros da confraria do assalto à escarcela pública. Por outro lado, não era ignorada a mácula de certos sacerdotes, locupletando-se com os dinheiros públicos, mantendo concubinas ostensivamente, criando filhos à ilharga da igreja, deixando as cabas toucar a cabeça venerável dos santos, num entanto o pecúlio particular. Enviando dotes para irmãs casadouras. Não estamos criticando; a época e o ambiente eram propícios. A sociedade e a politicagem criavam condições para tal procedimento, tanto que a literatura, a boa literatura, tomou para argumento essa vivência mais especulosa do que edificante, não para cozinhar a religião, mas com a finalidade de participar do movimento naturalista. O conhecido romance *O missionário*, de Herculano Marco Inglês de Souza, não se inscreve na história da literatura como uma diatribe, um estigma, mas como a história social de uma época.

Outros trabalhos literários menos conhecidos no Amazonas fincaram pé no tema, porém com orientação diversa: a sátira social. Foi a época do folhetim na Europa, com repercussão no Amazonas, na novela folhetinesca *O Padre Alegria*, glosando a vida desregrada de certo padre Contente.

Voltemos mais uma vez à história movimentada da capela Igreja de São Sebastião, que frequentei menino como pajem de Santo Antônio, sob a direção do bom frei José de Leonissa, capuchinho, e a assistência do seráfico frei Domingos, que Deus os haja, dois maravilhosos ministros que dedicaram a vida e a saúde àquela igreja. Vimos no passo grifado por nós e aqui repetido em caixa-alta, da autoria do deputado Lima Bacuri, TEM IDEIA DE

QUE JÁ SE TEM FEITO TRÊS, que efetivamente aconteceu isto e já discutimos pela diferença de maneirismo arquitetônico. Mas é bom que se fixe isto: o nível em que está edificada a redoma e posteriormente foi construída a casa de residência falada, à retaguarda, está acima cerca de dois metros ou mais do nível da nave principal e única. A rotunda fazia parte, portanto, de um corpo voltado para a hoje rua do Monsenhor Coutinho e estava cerrada para a parte sul. A opinião do deputado corresponde exatamente ao nosso pensamento e se ele condicionou a frase por força de expressão, pois Lima Bacuri era amazonense, aqui nascido e aqui vivido, com tradição e família de que restam descendentes vivos. Homem culto, autor de uma monografia *Efemérides Amazonenses*, destruída quando de um assalto policial à sua residência (informa Arthur Reis na *História do Amazonas*, 1932), sabia o bastante para não equivocar-se. Sentimos portanto a verdade histórica na afirmação de que essa igreja cresceu em sentido horizontal primeiro e vertical posteriormente, na proporção das subvenções provinciais acrescentadas ao trabalho de esmoler dos frades. Só o que nos entristece quando procuramos fazer-lhe a história resumida é que tenha sido ela também vítima da mania de reformulações que ataca certa gente, principalmente determinados indivíduos que se encontram passeiramente a serviço da administração oficial. O Estado precisava manter um organismo vivo e de franca atividade que falasse a respeito e contra essas reformulações sem nexo e sem justificativa. Não é possível dizer que a igreja hoje de São Sebastião esteja na dependência de três ou quatro épocas econômicas. Seria erro, mas pelo menos de duas é uma verdade consabida, que se reflete nos seus estilos arquitetônicos díspares, o italiano-compósito, que vem até 1935 e o adorno pregado à frente, que é de 1935, já o dissemos, o **méniane** disposto em aerossistilo, com pintura (manto) cinza de dois tons, fingindo maçonaria retangular. O restaurador andou acertado com a aplicação do retângulo e a cor cinza, em fingimento de pedra. O estilo gótico exigiria a mesma solução (com pedra natural), com a finalidade de proporcionar ao observador crítico uma noção de robustez na fieira de matacões pretensamente lavrados. Esse sistema de afeitar o aparelho e o manto nós encontramos como ornamento epidérmico em mui-

tos edifícios públicos e particulares, é assaz comum. Quando se tratava de pedra real chamava-se "casca de pedra" e atualmente é muito usado em muros. O contravento é também dessa reforma. Para confronto veja o leitor com atenção as fotos aqui estampadas.

Com referência ao piso da rotunda, é ele bem antigo e conservado, constituído de pedras de liós sobradas do piso da Sé Catedral. Sobre essas transferências contínuas há muita documentação nos relatórios dos presidentes da Província do Amazonas.

Entretanto, somente aquele piso. O resto veio depois, naturalmente, quando o primitivo soalho da nave foi removido e lastreado a lajes de Lisboa, preto e branco, havendo custado o metro quadrado cerca de quinhentos réis, somente o trabalho de colocação com berço de cimento. Fez o serviço o mestre de obras José Cardoso Ramalho, genitor do coronel Ramalho Júnior. Mais tarde a sociedade Leonardo Malcher & Ramalho Júnior, construtores, tomaram conta dos serviços gerais. Parece que essa sociedade dissolveu-se ou não entrou na concorrência em 1900 para os trabalhos efetuados na igreja. Existe porém um documento dessa época, autorizando a construção das colunas que formam o intercolúnio principal do nartex. Conforme o documento seguinte:

Hospicio de Propaganda Fide.

Em Manaus 10 de Outubro de 1884

Remetto junto a V. Ex. uma proposta do arrematante da igreja de S. Sebastião para fazer mais duas pilastras para a harmonia exterior pela quantia de 10:000$000.

Não foram previstas no orçamento, e por conseguinte não estão comprehendidas no seu contracto.

Deus Guarde a V. Ex.

Illmo Exmo Senr. Tenente Coronel Joaquim José Paes da Silva Sarmento M. D. Vice-Presidente da Provincia.

O Pte. da Commissão
Fr. Jesualdo Machetti

Autorização do presidente da Província, cel. Joaquim Sarmento, para serem colocadas as colunas do aerossistilo. Serviço feito pelo mestre de obras Mazzolani em 1896. Ms. do Arquivo Público Estadual.

Altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Fabricada em "LA STATUE ELIGIEUSE – PARIS". Restaurada por Geralda Guimarães Monteiro, em maio de 1999. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Altar de Nossa Senhora das Graças. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro, 1999.

Altar de Santo Antônio de Lisboa. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro. 1999.

Altar de São Francisco de Assis. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro, 1999.

Altar de São Judas Tadeu. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro, 1998.

Altar da Sagrada Família. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Santo Expedito e os belos vitrais. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

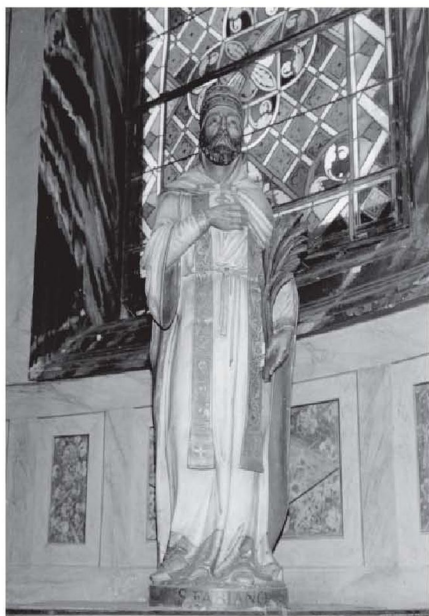



Imagem de São Fabiano, segundo orago da Igreja. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Altar de Cristo Redentor. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro, 1999.

Detalhe do altar-mor com vitrais. Foto de Hamilton Salgado, especialmente para este livro, 1999.

São Lourenço. Pintura de Campanelli sobre a ação dos capuchinhos na guerra de Alba Real. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Pintura de Campanelli. São Francisco de Assis recebendo as chagas. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

São Fidelis. Pintura de Campanelli. Anjinho inocente, armado de maça de bronze (porrete rompe crânios). Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Nossa senhora, a Divina Pastora. Original de Campanelli. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Apóstolo São Pedro. Foto de Hamilton Salgado, especial para este livro. 1998.

São Lucas Evangelista, na pendente do arco de sustentação do teto. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

São Mateus Evangelista, outro dos quatros sustentadores do arco. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

São João Evangelista. Ao lado ele tem o corvo que o alimentava com o pão todos os dias. Foto de Jackson Franklin Monteiro, 1999.

São Marcos Evangelista, o quarto dos evangelistas. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Detalhe do altar-mor com a imagem do orago São Sebastião. A cúpula desse simulacro de templo grego com colunas duplas foi destruída não sabemos quando. Ela sumiu. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especialmente para este livro, 1999.

Vamos finalizar esta primeira entrega, sem conseguirmos ainda alcançar certos documentos que podem fazer luzes sobre a história da construção da igreja ou mesmo da antiguidade da capela. Este trabalho naturalmente ainda depende de muita busca, razoável pesquisa em fontes várias, inclusive iconográficas que podem dilucidar aspectos inéditos da construção e decoração interior e exterior do templo. É possível que numa terceira entrega fixemos referências outras como é nosso costume fazer com os nossos trabalhos de história. Por exemplo, o nosso livro *A Catedral Metropolitana de Manaus* vai ser aumentado em segunda edição com aportes novos. E estamos trabalhando também num acréscimo da história da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, história que foi iniciada pelo meu amigo Francisco Benfica, uma esperança que se foi para o Oriente Eterno na melhor fase de sua atividade literária.

O padre Raimundo Nonato Pinheiro Filho, redator principal da *Polianteia* de homenagem a frei Domingos, numa breve história da Igreja[20] (página 74), omitiu todos os lances das primeira e segunda etapas da construção do templo. Diz ele, desculpando-se da brevidade do artigo:

> *Não apresento aqui um histórico completo da Igreja de São Sebastião, e nem sequer resumido. Entendo que isso exigiria longas páginas, visto como da construção da primitiva e simples ermida à reconstrução última e definitiva do belo templo que honra a nossa mimosa Manaus decorre um período considerável de tempo. Num relato histórico, se quisermos ser sinceros e completos, nada deve omitir-se, por respeito e amor à própria verdade histórica. Aqui fica, apenas, uma ligeira notícia para o benévolo leitor.*

E o benévolo leitor fica perguntando-se que coisas indiscretas eram aquelas que o articulista muito sensatamente obscurecia sob a condição de ser sincero e honesto como Tácito. As coisas indiscretas só poderiam ser aquelas que nós outros, menos compro-

---

20 *Polianteia*. Comemorativa das Bodas de Ouro Sacerdotais do revmo. pe. frei Domingos de Gualdo Tadineo. Manaus, julho de 1949.

metidos com a indecisão histórica, revelamos no decurso destas páginas, que não procuram alcançar outro objetivo senão dizer bem de quem o mereceu em vida, semeando o trigo; e apontando os relapsos que plantaram a cizânia. A *Polianteia* referida contém matéria muito boa sobre o trabalho de evangelização e publica retratos de padres freires e suas missões. Alguns desses retratos, como o do frei Domingos de Casa Tadine, frei Hermenegildo etc., são aqui reproduzidos, mas outros ficaram prejudicados pela má confecção dos clichês. Ela é uma homenagem aos cinquenta anos de sacerdócio de frei Domingos, que a mereceu pela sua vocação missioneira e pelo seu caráter bondoso.

Uma análise arquitetônica feita na base da matemática (o que não é permitido aqui pela incapacidade do autor) forneceria os dados essenciais à crítica, levando-se em consideração a carência de proporções entre as partes construídas nem harmonia de conjunto. O aerossistilo não está para o alçado nu, assim como a nave não compagina com a rotunda. Essa nave teria antes formato radiante, e os vãos foram emparedados, isto é, recuperados para que a nave tomasse a forma de cruz, segundo o cânon eclesiástico, obrigatório. A seguir, ornamentou-se com balaústres o final da nave, separando-a da rotunda para formar o transepto.

Reuniu-se ali um meio-termo de soluções de continuidade capaz de servir de motivo a várias especulações de ordem arquitetônica. Com muita razão dizia o deputado provincial Lima Bacuri a respeito da capela construída à dependência de outras três. Acredito piamente que a planta original esteja longe de parecer-se com a traça moderna. É bastante o leitor curioso comparar as fotos da igreja, as antigas com as atuais. Se hoje acontece o que acontece com tanta Universidade espalhada pelo mundo, calcule-se ontem, que a arquitetura era mais arte aplicada do que experiência de alvanel. Os antigos gregos não conheciam o módulo. Se assim conjeturamos é porque as igrejas do Amazonas estão em dívida para com a tradição material, enquanto que se deixam destruir (reformular) pelo espírito do mau gosto o que foi arte e técnica, o que obedeceu a critérios conhecidos como denominadores da eurritmia expressiva.

Tentaremos a seguir uma busca de identidade harmônica entre as partes configurantes da igreja, partindo dos clássicos triângulos e quadrado que promovem a estrutura dimensional da matéria em foco. Primeiramente partiremos daquela já mencionada promoção ante pitagórica, ou aristotélica, que insinua ser o Homem a medida das coisas. No caso da Arquitetura, neste caso, cujo exame forçamos modestamente, a medida do Homem é posta em primeiro plano, isto é, ele aparece aqui como principal fator de ensinamento dos primeiros riscos de uma planta baixa de edifício. O artista pintor e arquiteto francês Charles-Édouard Jeanneret (Le Corbusier) apresentou seu módulo de 2,26 m, que figura um homem de braço erguido, "como modelo para fixar as proporções" arquitetônicas, ganhou imensa popularidade na técnica de construir. No entanto, outros módulos foram ensaiados no passado, tomando-se o homem por modelo. Foi o grande Leonardo da Vinci quem propôs (sem ser seu inventor) essa mensuração antropométrica, baseado nas proporções dos eixos da coluna de pedra e da coluna dorsal, do capitel e da cabeça humana. Observe-se que a palavra /capitel/ vem de /*caput*/ = cabeça. É possível que essa ideia não seja do genial italiano, mas grega de geração, modificada ao sabor das idades culturais euroasiáticas. Ainda se fala em Policleto, Lissipo e outros. De Da Vinci é igualmente o pentágono estelar, em que o homem figura de pernas e braços estendidos.

Insinuamos aqui a tetralogia pitagórica, que não seria de Pitágoras, claro, responsável pela presença do quadrado em todas as medidas arquitetônicas, ou seja, a presença dos quatro elementos formadores do universo: Fogo, Ar, Água e Terra. Dessa expressão racional da filosofia helênica saem três elementos de muita qualificação na vida humana, quais sejam: terra, fogo e água, que representam as três faces da tríade hierática, o triângulo sagrado exposto no frontão. Esse frontão recebeu no tímpano um emblema do relacionamento humano (dois braços cruzados, que estampamos no final), e dentículos que se repetem sob as molduras do entablamento, servindo de apoio às cornijas. Até pelo menos o advento da República ainda se chamava a querência do homem fogo, do latim *focus*, do fato de em cada casa haver um simulacro de altar onde era cultivado o fogo vivo. Se o casal entrava em ruí-

na, passava a chamar-se fogo morto. Porém se o morador cometia ilícito penalizado, a autoridade judiciária na Idade Média mandava apagar-lhe o fogo da lareira e entulhar o poço d'água potável, além de salgar a terra, condenando as gerações por toda a vida ao ostracismo. Vê-se daí que o homem estava ligado, pela magia compulsiva, a venerar os quatro elementos formadores do universo. Não poderia, portanto, estar ausente da sua casa, pois esta era considerada um templo em miniatura onde os deuses lares eram venerados em família.

Tentaremos, a seguir, mostrar simbolicamente (pois não conhecemos a escala real da planta alta) como se usava para obter a expressão rítmica de uma parede principal, no caso, aqui, só para inglês ver, a face real da igreja de referência. Uma linha reta /**a**-**b**/, ou linha de terra, de dez centímetros de extensão (base desta experiência), se traça sobre a parte inferior da foto-modelo (p. 56) e sobre esta levanta-se uma perpendicular, /**c**-**d**/, conforme o risco **a**, com a mesma dimensão. Usamos para essa experiência os riscos sem ornamentos da igreja e armamos um triângulo equilátero a partir do conhecimento arbitrário dessas linhas. A seguir, unimos por duas linhas, **a/c** e **b/d**, as extremidades das duas linhas horizontal e vertical, obtendo a imagem do 'triângulo perfeito", ou "triângulo divino". Obtido o triângulo, cujo ápice deve corresponder mais ou menos ao meio do batente da porta, construímos outro triângulo inverso, obtendo, *ipso facto*, quatro triângulos, se unirmos os extremos das linhas retas com as letras /**a**-**c**/ e /**b**-**c**/ as linhas /**a**-**d**/, /**b**-**e**/, conforme o risco **b**. O vértice inferior desse segundo triângulo, marcado pela letra /**o**/, constitui o limite do que serão dois "quadrados perfeitos", se juntarmos as metades dos lados pela horizontal /**f**-**g**/. É como se fizéssemos um /X/ inscrito no quadrado. Em seguida achamos as mesmas grandezas para o resto da face anterior da igreja, e depois para a torre. A planta baixa desta não é um quadrado, mas um quadrilátero (número místico), não contando a rotunda. O que dissemos acima não se faz sem o uso da matemática e da geometria, mas nem todo leitor é experiente nessas disciplinas, nem eu me atrevo a julgar-me expedito.

O nosso objetivo acima é demonstrar que as partes conjuntas do prédio devem ser harmônicas e proporcionais entre si, do

contrário, se for igreja, padecerá da anomalia de fugir ao que a religião prescreve, isto é, o emprego da magia divina, ou seja, da estrutura geométrica baseada no tetra, com fundamento em Pitágoras. Este diria (*Versos de ouro*, edição trilíngue, versão brasileira da 4.ª edição francesa La vie sage, Rio de janeiro: Organizações Simões, 1954):

> *Sim, eu to afirmo e juro por aquele que deu à nossa alma o conhecimento do Quaternário.*

> 45. Ταῦτα πόνει, ταῦτ' ἐκμελέτα· τούτων χρὴ ἐρᾶν σε,
> ταῦτά σε τῆς θείης ἀρετῆς εἰς ἴχνια θήσει·

> *haec te in divinae virtutis via sistent: per eum certe qui obis quaternarium numerum tradidit;*

Refere-se o filósofo àqueles quatro elementos formadores do universo, elementos representados pelos quatro evangelistas do domo da igreja. Fica assim, mais ou menos, identificada a história não muito precisa nem longa, de um templo que nasceu sob o signo do franciscanismo operoso, porque, realmente, ela não é rica nem espaçosa, mas pequenina e modesta como queria que fossem as casas do Senhor o "pobrezinho de Assis".

Tomei a liberdade de proceder a uma mensuração, sobre fotografia posterior ao remate executado pelo profissional Dr. Aloísio Araújo, com base no centímetro. Encontrei, com esse abuso, uma série de relações de contiguidade, ou analogia, e poucas, ao parecer, discordantes. Dou a seguir os números dessa ideal proporção, e não tenho a estulta pretensão de ajuizar que o fiz corretamente. Como deixei dito antes, tomei por base o centímetro, para uma experiência.

Altura do portal, incluído o intercolúnio = um e meio centímetro.

Altura da 2.ª cornija da torre, para a 3.ª = um e meio centímetro.

Altura da linha de terra para o ápice do frontão = cinco centímetros.

Extensão da cornija superior = quatro e meio centímetros.

Largura da face da torre = mais ou menos um centímetro.

Largura da parede (face) do corpo direito = um centímetro.

Altura da 2.ª cornija para a cabeça do sino = um e meio centímetro.

Altura da cabeça do sino para o ápice da torrícola = um e meio centímetro.

Daí para o cimo da cruz = um e meio centímetro.

Largura do corpo avançado, tomando-se por base a edícula (2 larguras de 1,3) = três centímetros.

Altura da balconada para a edícula = mais ou menos um centímetro; e daí para o dorso inferior da base do frontão = mais ou menos um centímetro.

Largura do cruzilhão = um centímetro.

Comprimento da cornija do frontão, torre, cruzilhão = mais ou menos um centímetro.

Altura das torrícolas, incluindo a cornija = mais ou menos um centímetro.

Distância entre as duas janelas do coro = mais ou menos um centímetro.

Distância entre a moldura superior das janelas para a cornija = mais ou menos um centímetro.

Se você traçar duas diagonais sobre o aerossistilo, o centro, cruzamento delas, coincidirá com o meio do intercolúnio e/ou o eixo da vertical que une as arestas dos batentes. Obterá igualmente quatro triângulos equiláteros opostos, em forma de trevo estilizado. A altura de cada um desses triângulos, do vértice à base, é de um centímetro, com diminuta diferença. A simpatia pelo número quatro ainda vai aparecer na ordem emanada para levantarem-se mais duas colunas duplas. De acordo com os templos gregos, o menor número delas era quatro, ou seja, as quatro colunas de sustentação da abóbada celeste, na concepção geocêntrica da época; ou as quatro pedras angulares da Igreja cristã, segundo uma tradição muito remota, no caso os quatro evangelistas. Verifique que não é por coincidência que os quatros evangelistas estão sustentando triangularmente a base da abóbada. Colunas da ordem toscana, mais simples, sem adornos festivos. A lembrança, fosse de quem fosse, de padres italianos ou de riscador da planta, foi,

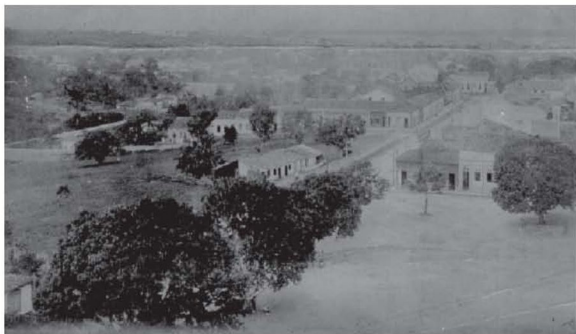
naquela época, uma homenagem ao dialeto toscano chamado a ser a linguagem oficial da Itália reconstituída dos fragmentos de reinos até em poder de estrangeiros. É de admirar, portanto, a constância, repetimos, dos números três e quatro na fábrica da nossa igreja. Estamos diante da magia divina, a matésis, admitida pela Inquisição, contra a frequência da magia pagã, denominada "bruxaria", porém aceita e praticada por São Tomás de Aquino, que era alquimista e deixou um livro, traduzido do latim e publicado inclusive em língua portuguesa.

Cada lado do frontão tem aproximadamente dois centímetros, o que corresponde à medida da base tomada do intradorso.

Apesar do meu processo pouco ortodoxo de mensuração ser uma alternativa, a fotografia não pode recusar a verdade, e por isso vemos que as diferenças numéricas, embora de pequena monta, não recusam um juízo definitivo sobre a carência, aqui e ali, de proporções. E, depois de tudo, uma curiosidade que não me parece destituída de interesse: se você pegar o compasso, firmar a ponta na letra /**a**/ da horizontal e traçar uma curva para o alto do triângulo, fazendo o mesmo a partir da letra /**b**/ da mesma reta, achará uma ogiva inscrita, uma ogiva aguda (não de lanceta), que perfaz o trio místico da cristandade: triângulo, quadrado e ogival, portanto associados os símbolos política e religiosamente rivais. E aqui cabe outro reparo em nada dissonante: naquela igreja não se observam muitas janelas ogivais exteriores, que havia delas bem visíveis em fotos antigas, como o leitor poderá verificar facilmente, em portas e janelas. Foram permutadas pelo arco completo ou a reta – arco de abóbada, ao parecer do autor da reforma, mais católicos romanos do que o gótico, embora não menos cristão. Parece-me a mim que o autor dessa reforma não admitia o gótico que representava a ogiva depois da eliminação do sistema geocêntrico. Resta saber agora se o arco ogival equilátero acima referido possui dezoito pedras, tirante a chave, como seria de rigor.

Antes, funcionava o arco como delimitação do horizonte racional e símbolo da abóbada celeste. A ogiva representa a ambição do infinito, por isso era, com o advento do gótico, obliterada do pensamento cristão. Uma heresia a mais. Heresia que proliferou de maneira geral nas residências particulares do Amazonas,

como resposta sutil a uma provocação. Poderá ser visto o número exorbitante de janelas e portas ogivais ali mesmo na praça de São Sebastião e demais ruas e bairros. O que significaria isto para um historiador? Estará explicado no meu livro sobre arquitetura amazonense, a circular. A seguir, volvamos os olhos para a abóbada da rotunda, onde está a alegoria festiva dos anjos. Não foram eles colocados ali para ocupar o espaço-superfície do teto. Mais uma vez o sortilégio vem confirmar que a história da igreja se prende a um ramo da teologia mística, a "magia divina", de que a Itália estava saturada, sobrevivente das posturas de seus sacerdotes letrados, das intérminas discussões da Inquisição contra as heresias, algumas funestas. O teto da cúpula sugere a abóbada celeste, – a ogdoática, ou seja, a oitava esfera onde estão os oito anjos figurando os planetas do sistema solar ptolomaico ou geocêntrico. Acima, a "janela de luneta", de vidros encaixilhados, facilita a entrada da claridade e contamina as figuras angélicas de um sortilégio comovente é a linha de preocupação de quem ensaiou aquela deliberada encenação teológica da oitava esfera ou o local onde as potestades divinas recebem a alma, que conduzem ao Céu. Na hagiografia, para uns esse cúlmen, é o zodíaco, aquele bestiário de que fala a Bíblia, porém o zodíaco moderno tem doze casas, enquanto o antigo havia oito, pois oito eram os meses do ano, até outubro, ou dez, com o mês de dezembro. O calendário gregoriano atual (alusivo ao papa Gregório XIII, embora da autoria do grego Sogíneses, 1582, após o Concílio de Trento), pretendendo corrigir as falhas do calendário juliano, o que não conseguiu (o ano 2000 será bissexto), resumiu para 365 dias o ano, portanto Jesus não nasceu em dezembro e sim em outubro, na primavera, pois o ano começava em março. Adotou-se o dia 25 por influência helênica, correspondente ao equinócio, quando o Sol parece estacionar no seu giro aparente e regressar ao Equador celeste. Trata-se, ainda aqui, de uma superposição de imagens icônicas, em que o Sol é reverenciado como Deus. Esse Sol (deus solar) foi cantado por São Francisco de Assis, "hino ao Sol", I fioretti; por Julião, o Apóstata, por outros divinos, e tem seu componente simbolizado no ouro e no fogo. Além de que era deus nas priscas religiões.

Emblema da operação dos missionários. Inscrição no tímpano do frontão principal e na parede do coro. Revista "Polianteia".

Panorâmica da praça de São Sebastião, e adjacências, anterior à construção do monumento. Foto de autor ignorado.

Frei Fulgêncio, páraco da Igreja São Sebastião, em companhia do autor. Foto de Jackson Franklin Monteiro, para este livro, 1999.

Ossuário dos frades capuchinhos falecidos em Manaus. Lado esquerdo da nave, mons. Venceslau Ponti de Spoleto, frei Antonino Peverini de Perúgia, frei Jesualdo Machetti, frei Francisco de Desio. Foto de Jackson Franklin Monteiro, para este livro, 1999.

Ossuário dos frades capuchinhos falecidos em Manaus. Lado esquerdo da nave. Frei. José Massi de Leonissa, frei Domingos Anderlini de Gualdo Tadino, frei Agatângelo Mirti de Spoleto e frei Jucundo Cerini de Soliera. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especial para este livro, 1999.

Ossuário dos frades capuchinhos falecidos em Manaus. Lado esquerdo da nave. Frei Ludovico Paciucci de Leonissa, frei Samuel di Diodato de Intermesoli, frei Silvio Vagheggi de Arezzo. Foto de Jackson Franklin Monteiro, especial para este livro, 1999.

A Igreja de São Sebastião recebeu, como deixamos explicado, quatro colunas (proporcionalmente à altura do pórtico e da cornija), cuja finalidade não é apenas a soma estética da arquitetura religiosa. Afinal de contas, quatro colunas representam apenas uma, ou duas portas, e não as cem de Tebas. Quatro colunas carismáticas têm o nosso Palácio da Justiça (a estátua sedestre está na mesma proporção ótica do quadrilátero renascentista da mole e seu ritmo proporcional à altura dos portais); Ginásio Amazonense Pedro Segundo (Colégio Estadual do Amazonas), a Igreja dos Remédios, Prefeitura Municipal, Igreja de São José (rua do Visconde de Porto Alegre). Já a de Aparecida dos Tocos, não convence a altura das colunas com a estreiteza e desempeno do edifício: são desenvolvidas demais para a altura da igreja.

Mesmo para a amostragem, duas colunas, sem rebiques, as de São Sebastião valeriam o que se permite avaliar, desde Leonardo da Vinci, ou quiçá mais longe, o desdobramento do esbelto corpo humano, aplicadas as leis da constância subjetiva no estudo comparativo das realidades arquitetônicas; aqui, com especialidade, o pórtico, a entrada. Se o "homem é a medida das coisas", essa medida teria por base o símbolo matemático, ou seja, a proporção divina: o número quatro (entre os pares mais saudáveis) geraria uma série de fatores proporcionais que iriam liberar aqueles problemas estático-estéticos enunciados em todas as tentativas de subordinar a Arquitetura ciência das mensurações e do ritmo, as demais, Música, Poesia, Matemática, Pintura, Escultura, marmoraria, marcenaria, ferraria adornativa, Cosmologia etc.

Não é um triângulo o que está reduzido (no infográfico número um), a termos de desenho geométrico na forma de duas retas obliquas encontrando-se num ponto elevado a/b/c/d. A eliminação da cornija do seu espaço tornou séssil o arco e ilimitado o horizonte visual mentado. Uma de duas: ou você está diante da recomposição do sistema cosmogônico "herético" (mas não incorreto), que gera o ritmo nocionológico primário de Empédocles; ou você continua "herético" (e portanto errado) ao retirar a arquitrave que sustenta o Céu platônico. A questão pode ser julgada a partir da inferência precípua de duas fontes de gerações paradoxais, considerando-se sempre, *a priori*, estar o triângulo envolvi-

do, na conceição do mundo, o tecto mundi figurativo, antes de ser subjetivado como a Trindade Divina, número perfeito, Hermes Trismegisto etc. Ora, é fato curial que na Idade Média a Igreja Católica romana não pôde deixar de admitir a presença teológica de Hermes Trismegisto, que existe, com seu pensamento genial gravado no piso do átrio da Catedral de Siena, como existem pinturas de Pinturicchio no próprio Vaticano, com sua imagem. A placa alusiva a Hermes diz respeito ao Deus criador, ao filho e ao Sanctum verbum. Vê-se como o hermetismo andava ocupando a mente dos sacerdotes, antigamente, muitos dos quais eram arquitetos, pintores, escultores, iluministas, e quase que detinham o conhecimento universal, pois somente à Igreja era dado pronunciar-se sobre as causas das causas. E embora não tenhamos nenhum documento escrito em que nos apoiar para criticar, algum daqueles primeiros monges responsáveis pela ereção da Igreja de São Sebastião teve parte nas muitas das ogivas que antecederam as atuais janelas de arco reto completo. Sobraram poucas na parte alta. Essa inteligente manobra descobriu para o crítico da História o surto de movimento do arco ogival cujo testemunho está logo ali nos edifícios erigidos na praça. Foi uma vaga abissal de controvérsias, justificada a meu ver pela influência europeia dos novéis arquitetos de formação acadêmica. Depois de 1920 a ogiva perdeu a sua natureza hermética, baratizou-se, achanou-se, passou a arco depressivo e finalmente a arco reto ou de abóbada, com impostas. É que os arquitetos de formação universitária, além de positivistas ou maçoes, eram inclinados às doutrinas herméticas muito divulgadas na Idade Média e que teve no Brasil o seu continuísmo no Império. Depois disso talvez seja raro o arquiteto moderno que haja lido o Pimandro ou a lamentação de Asclépio, na edição conjunta do Hermes Trismegisto, edição brasileira.

O leitor não ignora que as três formas do arco – ansa, reta e ogiva – são do domínio da casa-templo e/ou da casa-família. Consequentemente qualquer que seja a escolha que fizer (ou para fugir à responsabilidade de opinar, ou por mera ignorância), e/ou filosófica, acabará envolvendo a adoção de uma quase que barulhenta formatação de tendências "religiosas", – acabará envolvido e pior, sem remissão de pecado de heresia. A não ser que... adote

o Renascimento, aceite o eclético (?), que é o mesmo que acender uma vela a Deus e outra ao Diabo. Eu sempre torço pela triangulação perfeita e não pelo diagonal precário, que deixa ver no ar vazio uma concepção de falta de equilíbrio, interrupção no ritmo da performance, de carência de eurritmia, como um verso manquitolante, a obliteração das proporções.

De propósito chamamos para aqui o Renascimento, que explodiu como filosofia e religião na Idade Média, como diz Yates (1964), por um equívoco de antedata do manancial egípcio que deu curso à exploração da magia divina, chave do primeiro Cristianismo, a prisca teologia. Consoante suas palavras:

> *Mas o movimento renascentista, do qual tratará este livro, do retorno à pura idade de ouro da magia, está baseado num radical erro de datas. As obras inspiradoras dos magos da Renascença, e que eles acreditavam da mais remota antiguidade, haviam sido escritas no século II ou III d.C. O que eles aprendiam não era a sabedoria egípcia, um pouco posterior à dos patriarcas e profetas hebreus, e muito anterior a Platão e aos demais filósofos da Antiguidade grega, dos quais todos – segundo a crença dos magos da Renascença – haviam bebido da fonte sagrada. Eles se baseavam no substrato pagão do primitivo cristianismo, aquela religião fortemente tingida de magia e de influências orientais, versão gnóstica da filosofia grega e refúgio de fatigados pagãos que buscavam respostas para a vida, diferentes das oferecidas pelos primitivos cristãos* (p. 14).

A singularidade (?) aparente da presença dos Três Reis Magos, no tradicional presépio, é uma "insinuação" do Renascentismo pictórico, em primeiro lugar, e depois da presença de dioramas disseminados pelas igrejas europeias, forma ótica de conduzir o ânimo do povo à mensagem cristã. Não seria necessário discutir o número dos "magos" (três) que foram ver o mistério do homem nascido Deus. Eles são apenas símbolos de uma geração de "reis sacerdotes" provenientes das três partes do mundo conhecidas: Europa, Ásia e África. Por que necessariamente três magos e três partes do mundo, duas reconhecidamente envolvidas com os mis-

térios da Cabala? Além do que o leitor não deve esquecer a qualidade de "presentes" levados, segundo a tradição: ouro, incenso e mirra. Para que um Deus potestade nascido pobre numa manjedoura queria ouro, incenso e mirra? O mago branco que conduzia o ouro em pó era do tipo medieval do alquimista, em busca da Pedra Filosofal. Como se tratava do nascimento do Rei dos Reis, o áureo presente era mais consentâneo, posto que não menos simbólico, apesar de Nossa Senhora ser de família nobre. O incenso e a mirra não possuem valor senão como elementos de participação esotérica, ainda comum nos nossos dias para o sacerdote, durante o mistério da missa, ou para os rituais domésticos de veneração aos deuses. A tradição amazonense do presépio e/ou da lapinha (eu preferiria chamar lapinha, mais de acordo com a hagiografia do que a manjedoura, pois os primeiros templos foram nas lapas) continua mais ou menos assegurada pelo espírito cristão, tradição subordinada ao cunho popularizado de que a interrupção do costume importa em desafio ao santoral.

O resto do que diz respeito à planta do templo ocorre como uma forma de conhecimento arquitetônico do desenhista planificador, de formação militar, mas não se deve deixar de pensar na intervenção, aqui e ali, dos monges interessados em obliterar a visão incômoda de uma influência misteriosófica.

Observação importante: as medidas oferecidas nas páginas 112 e 113 só servem para verificação usando-se a foto-modelo da página 59.

LAUS DEO

REFERÊNCIAS

Anais da Assembleia Legislativa do Amazonas, de 1850 a 1899.

Braga, Genesino (1975) **Chão & Graça de Manaus.** Manaus: Fundação Cultural de Manaus (Coleção Pindorama, Imprensa Oficial para o Governo do Estado).

Celso, Angel T. Lo (1950). **Euritmia arquitectonica. Estudio de una expresion estetica.** 2.ª edição. Cordoba, Argentina.

Documentos (dois) pesquisados no Arquivo Público do Estado.

Fletcher, Sir Banister (1961). **A history of Architecture on the comparative methode.** 72.ª edição. Londres.

Jornais de várias épocas, principalmente aqui *A Federação* e o *Amazonas*.

Monnier, Gérard (1985). **Le Corbusier.** Encontro Radical. São Paulo: Brasiliense.

Monteiro, Mário Ypiranga (1958). **A Catedral Metropolitana de Manaus.**

__________. (1965) **Teatro Amazonas.** Ilustrado. Manaus. 1.º volume.

__________. (1966) **Teatro Amazonas.** Ilustrado. Manaus. 2.º e 3.º volumes.

__________. (1997) **Teatro Amazonas.** Ilustrado. Manaus: Sebrae. 4.º volume.

Pinto, Ernesto (1956). Francisco de Assis e a revolução social. *Cadernos Paz e Bem.* Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Primeiro, frei Fidelis M. de (s. d.). **Capuchinhos em Terras de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX.**

Reis, Arthur Cézar Ferreira (1932). **História do Amazonas.** Manaus.

Relatórios da Presidência da Província do Amazonas, várias épocas e edições, principalmente a segunda, Rio de Janeiro, 1909.

Rodrigues, Dr. João Barbosa (s. d.). **Pacificação dos Chrichanãs.** 31 cit.

Sousa, cônego Francisco Bernardino de (1873). **Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas.** Pará.
Souza, Herculano Marco Inglês de (1889). **O Missionário.**
Suplemento do jornal católico *A Reação*, Manaus, março de 1946.
Trismegisto, Hermes (1974). ***Corpus hermeticum* e Discurso de iniciação com a Tábua de Esmeralda, Hemus**. São Paulo.
Victor Hugo, padre (1959). **Os Desbravadores.** Ilustrado. Edição da Missão Salesiana de Humaitá-Amazonas. 2 volumes.
Yates, Frances A. (1964). **Giordano Bruno e a tradição hermética.** São Paulo: Círculo do Livro.

OBRAS DO AUTOR

– "Kréstos, o tísico do Golgotha". In: *Revista Vitória Régia*, ano I, n.º 7, agosto, 1932.
– "Ayuricaba (Ensaio para o Rhapsodia Selvagem)". In: *Revista Vitória Régia*, ano II, n.º 9, outubro, 1932.
– "A vingança da Cobra-Grande". In: *Revista Fru-Fru*, ano III, n.º 26, Rio de Janeiro, 1933.
– "Alma Cobarde (Elocubrações)". In: *Revista Vitória Régia*, ano III, n.º 19, dezembro, 1933.
– "Zé Gomes". In: *Revista Fon-Fon*, ano XXVII, n.º 34, agosto, 1933.
– "O segundo vedanti". In: *Revista O Malho*, ano XXXII, n.º 1.582, abril, 1933.
– "Estava vingado". In: *Revista O Malho*, ano XXXII, n.º 4, junho, 1933.
– "Um prego num craneo". In: *Revista O Malho*, ano XXXIII, n.º 72, outubro, 1934.
– "Letras da Amazônia". In: *Revista Vitória Régia*, s/d.
– "Manuel Torto" (Conto amazônico). *Revista Vitória Régia*, Manaus, 1937.
– "A musa heráldica de Raimundo Monteiro" (Ensaio). *Revista A Selva*, Manaus, 1938.
– *O Aguadeiro*. Manaus: Serviço de Estatística do Amazonas (edição mimeografada), 1944.
– "O 'Colombo' de Madariaga". In: *Inúbia*, ano 1.º dezembro, 1944.
- "Fundação de Manaus". In: *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, v. XCVII, Seção "Publicações", 1944.
- "Fundação de Manaus". In: *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*, n.º 7, ano X, Seção "Povoamento", maio de 1944.
– *Introdução à História dos Carros-de-bois no Amazonas*. Manaus (Edição mimeografada), 1945.

- "O Estado Social do Índio Brasileiro". Conferência realizada em Porto Velho, no Dia do Índio, a convite do SPI, Manaus, 1946.
- *In memorian de Cid Lins* (Ensaio literário). Manaus, 1946.
- *Aspectos evolutivos da Língua Nacional* (Ensaio crítico). Manaus, 1946.
- *O Aguadeiro*. 1.ª edição, ilustrado. Manaus, 1947.
- "História das Ruas de Manaus". *Jornal do Comércio*. Manaus, 1948.
- *Fundação de Manaus*, 1.ª edição. Manaus, 1948.
- *Elementos de Geografia Geral*. 1.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1948.
- "História dos Carros-de-bois no Amazonas". *Diário Oficial*. Manaus, edição n.º 15.827, ano LV, 1948.
- "Crônica da Cidade Velha". *Revista Amazônida*, vários números. Manaus, 1948.
- *O espião do Rei* (Crônica histórico-novelesca). Ilustrado. Manaus, 1950.
- *Elementos de Geografia Geral*. 2.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1950.
- *Elementos de Geografia Geral*. 2.ª edição, 2.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1950.
- *Elementos de Geografia Geral*. 2.ª edição, 1.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1950.
- *Folclore amazônico*. 1.ª série. Manaus, 1950.
- *Quarta Orbis Pars* (A Quarta parte do mundo). Cristóvão Colombo. Manaus: Edição do IGHA, 1951.
- "A Epopeia Lusíada na Amazônia" (Comunicação). *Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ilustrada, Lisboa, Portugal, 1951.
- "A Capitania de São José do Rio Negro". In: *IX Volume dos Anais do IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro, 1951.
- "Fundação de Manaus" (Resumo). In: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 11-12, 1951.
- *O complexo gravidez-parto e sua consequências* (Folclore amazônico). Manaus, 1952.
- *Fundação de Manaus*. 2.ª edição. Manaus, 1952.
- "Dabacuri" (Comunicação). *Revista Oltremare*, Roma, Itália, ilustrado, 1952.

– "Tesouro Enterrado". *Boletim de la Asociacion Tucumana de Folklore. Tucumán*, República Argentina, n.º 29/30, Ano III, vol. II, set./out., p. 55-60, 1952.
- "Fundação de Manaus" (Resumo). In: *Revista Municipal e Institucional de Cuba, Havana*, Caderno n.º 4, de 1952.
– "Rimas Infantiles. Folklore Amazônico" (Comunicação). *Revista Tradicion*, Cuzco, Peru, 1953.
– "A importância da Associação Comercial na Cultura Amazônica". In: *Boletim da Associação Comercial do Amazonas*, ano XIII, n.º 144, julho, 1953.
– *A Capitania de São José do Rio Negro*. 2.ª edição. Manaus (Tese de História Nacional, aprovada com louvor no 1.º Congresso de História Nacional no Rio de Janeiro), 1953.
– "Aiuricáua" (Comunicação). *Revista Oltremare*, Roma, Itália, 1954.
– "Apuntes Históricos del Municipio de Manaus". *Cuadernos de História Municipal e Institucional*, La Habana, Cuba, n.º 10, 1954.
– "São Vicente de Paula". In: Palestra proferida na sede da Sociedade em julho, 1954.
– "As festas do Espírito Santo". In: *Literatura Portuguesa*, de Herbert Palhano, Rio de Janeiro, 1954.
– *Elementos de Geografia Geral*. 3.ª edição revista. 1.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1955.
– "II Conte Ermanno Stradelli e gli Amazonici" (Comunicação). *Revista Oltremare*, Roma, Itália, 1955.
– *Duas Danças Amazônicas* (Arara e Desfeiteira). Ilustrado. Manaus, 1955.
– "Entre a legenda e o conceito". *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, n. º 4, dezembro, 1955.
– "Os Ídolos" (Santos e Heróis). Ensaio sobre a militância do Homem. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, s/n, fevereiro, 1955.
– *Memória sobre a cerâmica popular do Manaquiri*. Ilustrado. Rio de Janeiro: Inpa, 1957.
– *O regatão* (Notícia histórica, primeira parte). Ilustrado. Manaus, 1957.

– *Elementos de Geografia Geral.* 4.ª edição. 1.ª série, ciclo 1.º. Manaus, 1957.
– *Geografia Geral,* 2.º ciclo (1.º clássico e científico). Manaus, 1958.
– "Pour "voir" le Mimbáua" (Comunicação). *Jornal Tapejara.* Ponta Grossa, Paraná, 1958.
– *A Catedral Metropolitana de Manaus.* Ilustrado. Manaus, 1958.
– *Geografia Regional.* 2.ª série, Curso Colegial. Manaus, 1959.
– *Geografia Geral.* 1.ª série, Curso Ginasial. 5.ª edição, refundida e atualizada. Manaus, 1959.
– "Cariamã". Pubertatsritus der Tucano Indianer. *Sonderdruck Zeitschrift für Ethnologie,* Bd. 85, Heft 1, Braunschweig. Hamburgo, Alemanha, 1960.
– "Os falsos intérpretes da Amazônia". *Jornal A Gazeta,* Manaus, vários números, 1960.
- "Brinquedos de manja". In: *A Gazeta,* São Paulo, 23/7/1960.
– "Festa dos Cachorros". In: *Revista Brasileira de Folclore,* 29-43, ano I, n.º 1, setembro/dezembro, Rio de Janeiro, 1961.
– "Festa de São Joaquim no alto Uaupés". In: *A Gazeta,* São Paulo, edições de 13 de março e 1.º de abril de 1961.
– "Alimentos preparados à base de mandioca". *Revista Brasileira de Folclore,* Rio de Janeiro, n.º 5, ilustrado (Prêmio Sílvio Romero de 1962), 1963.
– "Jornal de Folclore". *Jornal A Gazeta,* Manaus, 1963.
– "Murucututu". In: *O Jornal,* edição de 2 de junho, Manaus, 1963.
– "Marapatá". In: *O Jornal,* edição de 9 de junho, Manaus, 1963.
– *O sacado* (Morfodinâmica fluvial). Ilustrado. Manaus: Inpa (Prêmio Estelita Tapajós, do Governo do Estado do Amazonas de 1966), 1964.
– *Roteiro do folclore amazônico.* Ilustrado. Manaus, tomo 1.º (Prêmio Estelita Tapajós, do Governo do Estado do Amazonas de 1965), 1964.
– "Entre Colunas". *O cinzel,* ano I, n.º 2, julho, 1964.
– *Antropogeografia do guaraná.* Ilustrado. Manaus: Inpa., 1965.
– "Ceramografia amazônica". *Revista de Antropologia do Ceará,* Fortaleza, n.º 5, ilustrado, 1965.
– *Teatro Amazonas.* Ilustrado. Manaus. 1.º volume, 1965.
– *Folclore da Maconha.* Ilustrado. Rio de Janeiro: Inpa, 1966.

- "A Muhraida". *Jornal de Letras*, n.º 193/194, maio de 1966.
- *Teatro Amazonas*. Ilustrado. Manaus. 2.º volume, 1966.
- *Teatro Amazonas*. Ilustrado. Manaus. 3.º volume, 1966.
- "O Arruador" (Artigo). In: *Jornal do Comércio*, 14/20 de junho, Manaus, 1967.
- "Comandante de Praia & Tabuleiros" (Artigo). In: J*ornal do Comércio*, 4/20 de junho, Manaus, 1967.
- *The Influence of Intellectuals in the Evolution of Brazil* (Comunicação), Alabama, USA, 1968.
- "A Academia Amazonense de Letras". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano XLVIII, n.º 12, julho, 1968.
- "Roteiro histórico de Manaus" (História das ruas de Manaus). Jornal *A Crítica*, Manaus (Caderno especial), 1969.
- "Em memória de Th: Vaz". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano XLVII, n.º 14, dezembro, 1969.
- "Álvaro Maia, o educador". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano XLVII, n.º 14, dezembro, 1969.
- "Araújo Filho e a poesia do direito". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano L, n.º 15, dezembro, 1970.
- *História do monumento da praça de São Sebastião*. Ilustrado. Manaus, 1972.
- *Teatro Amazonas*. Ilustrado. Manaus (Série Turismo), 1972.
- *Comidas e bebidas regionais*. Ilustrado. Manaus (Série Turismo), 1972.
- *Manaus, sua história*. Ilustrado. Manaus (Série Turismo), 1972.
- *Danças dramáticas*. Ilustrado. Manaus (Série Turismo), 1972.
- *Fundação de Manaus*. 3.ª edição, ilustrada. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.
- "Elogio Histórico da Polícia Militar do Amazonas (1837-1973)". In: Conferência, Manaus, 1973.
- *Roteiro do Folclore Amazônico*. Ilustrado. Manaus. 2.º tomo, 1974.
- *Artesanato Popular*. Ilustrado. Manaus (Série Turismo), 1974.
- "Alusão, Epígrafe & Plágio". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano LV, dezembro, 1974.
- *Fatos da literatura Amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.

– *História da Cultura Amazonense*. Ilustrado. Manaus. 1.º volume, 1977.
– *Fases da Literatura Amazonense*. Ilustrado. Manaus: Universidade do Amazonas, 1977.
– *O Aguadeiro*. 2.ª edição, ilustrada. Manaus (Edição comemorativa dos cinquenta anos de vida literária do autor), 1977.
– *Danças Folclóricas Singulares do Amazonas*, em parceria com Marita Socorro Monteiro. Ilustrado, edição *Livrornal*, Manaus, 1979.
– *Capela do pobre-diabo*. Manaus: Conselho Permanente de Defesa do Patrimônio Histórico do Estado do Amazonas (Série Memória), 1980.
– *Síntese Histórica da Polícia Militar do Amazonas*. 2.ª edição, ilustrada. Manaus, 1981.
– *Dona Ausente*. Manaus (Poema ilustrado com desenhos originais de Amilde Pedrosa), Manaus, 1981.
– *História do monumento à Província do Amazonas*. Ilustrado. Manaus, 1981.
– "Elogio sentimental dos bichos amazônicos" (Entre a biologia e o folclore), poemas. *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 19, Manaus, 1981.
– "Programa histórico-estético da Igreja de São Sebastião". *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n. º 29, Manaus, 1981.
– "Um livro sobre Camões". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano LXIII, n.º 18, julho, 1981.
– *Carros & Carroças de Bois*. Ilustrado. Manaus (Edição da União Brasileira de Escritores – Seção do Amazonas), 1982.
– "Oratório e Rosário". In: *Antologia do Folclore Brasileiro de Américo Pellegrini Filho*, 1982.
– "Elogio sentimental dos bichos amazônicos" (Entre a biologia e o folclore), poemas. Separata da *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, 1982.
– "As sentinelas perdidas". In: *Jornal de Cultura*, outubro, 1982.
– *Cultos de Santos & Festas Profano-Religiosas*. Ilustrado. Manaus: Edição da Suframa, 1983.

– *Álbum Cartográfico dos Municípios do Estado do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado (Colaboração nos Estudos Geográficos), 1983.
– "Abguar Bastos – sessenta anos de literatura". In: *Revista da Academia Amazonense de Letra*, ano LXV, n.º 19, fevereiro, 1983.
– "Gotas de Sangue", poemas. Separata da *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 20. Manaus, 1986.
– "Aspectos da Cultura Amazônica". Separata da *Revista do Conselho de Cultura do Amazonas*, n.º 1, Manaus, 1986.
– *Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas*. Ilustrado (Edição comemorativa dos 90 anos da criação da Imprensa Oficial, Manaus), 1986.
– *Elogio do Lixo*. Artesanato Popular. Ilustrado. Manaus, 1986.
– *A presença do Índio na Cultura Amazonense*. Ilustrado. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– "Guerra Junqueiro e os conflitos pareados". *Revista da Academia Amazonense de Letras*, Manaus, 1986.
– "Guerra Junqueiro e os conflitos pareados". Ilustrado. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– *Sadoc Pereira, poeta satírico*. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– *A renúncia do Dr. Fileto Pires Ferreira*. Ilustrado. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– *Dr. Adelino Cabral da Costa* (Escorço biográfico). Ilustrado. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– *Cinopopeia ou a vida airada de Mc Gregor II*. Ilustrado. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– "Teatro Amazonas". *Folha do Patrimônio* n.º 1, ilustrado. Manaus (Edição resumida em comemoração aos 90 anos do Teatro Amazonas), 1986.
– "Um livro nocivo". *Ma forrêt au bord du grand fleuve*. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1986.
– "Plantas medicinais e suas virtudes". *Acta Amazonica*. Manaus: Inpa, 18 (1-2), 357366, 1988.
– "História faceta de Manaus". *Jornal do Comércio* e *A Crítica*, vários números. Manaus, 1988.

- *Teque-teque, palita barata e outros tipos de mascates*. Manaus: Conselho Estadual de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas (Série Memória n.º 12), 1988.
- "Da capacidade ociosa do escravo forro às formas judicativas de contorná-la". In: Conferência proferida em Belém do Pará, no Seminário Pró-abolição, 1988.
- *A ceia dos cozinheiros*. Comédia em verso, um ato. Manaus (Edições Nheenquatiara), 1989.
- *Memória sobre o Aéreo clube do Amazonas*. Ilustrado. Manaus, 1989.
- *Negritude & Modernidade* (Eduardo Gonçalves Ribeiro). Ilustrado. Manaus, 1989.
- *História do monumento da praça de São Sebastião*. 2.ª edição, ilustrada. Manaus, 1989.
- "A expressão da verdade" (Dendrolatria). *Jornal do Comércio* (Caderno A Selva), 1991.
- "Dois romances populares". In: *Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diegues Júnior*, 1991.
- "A transição do Império para a República". In: *Revista da Academia Amazonense de Letras*, ano LXVIII, n.º 21, 1992.
- *Fundação de Manaus*. 4.ª edição, ilustrada e aumentada. São Paulo: Editora Metro Cúbico, 1995.
- *Mocidade viril – 1930 – O motim ginasiano*. Ilustrado. Manaus, 1995.
- *Cobra-Grande* (Lenda-Mito). Ilustrado. São Paulo: Editora Hamburg, 1996.
- *Teatro Amazonas*. Ilustrado. Manaus: Sebrae. 4.º volume, 1997.
- *Dalila*, mimo. Folclore regional. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.
- *O Tigreiro*. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.
- *Gotas de Sangue*. Segunda tiragem da Academia Amazonense de Letras. Manaus, 1997.
- *Fatos da Literatura Amazonense*. 2.ª edição, ilustrada. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1998.
- *História da Cultura Amazonense*. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. 2.º volume, 1998.

– *Roteiro Histórico de Manaus*. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas. 1.º e 2.º volumes, 1998.
– *O Atravessador*. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
– *História da Igreja de São Sebastião*. Ilustrado. Manaus, 1999.
– *Elementos folclóricos na poética de Antônio Nobre*. Manaus, 1999.
– *História do Monumento à Província*. 2.ª edição, ilustrada. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
– *A capela do pobre-diabo*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo, Série Memória 1, 1999.
– *Teque-teque, palita barata e outros tipos de mascates*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 10, 1999.
– *A Capitania de São José do Rio Negro*. 3.ª edição, ilustrada. Manaus: Valer Editora, 2000.
– *Veículos (individuais) utilizados em Manaus nos séculos XVI a XIX*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 32, 2000.
– *Teatro Amazonas* (I). Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 36, 2000.
– *Teatro Amazonas* (II). Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 37, 2000.
– *Teatro Amazonas* (III). Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 38, 2000.
– *Teatro Amazonas* (IV). Manaus: Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. Série Memória 39, 2000.
– *Iurupari e seus princípios*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001.
– "A César o que é de César". In: *332 anos de Manaus – História e Verdade*. Manaus: Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, 2001.
– *Dois romances populares*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 19. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *O Estado Social do Índio Brasileiro*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 20. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.

– *Guerra Junqueiro e os conflitos pareados*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 21. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Sadoc Pereira, poeta satírico*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 26. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Presença do Índio na Cultura Amazonense*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 30. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Elogio Histórico da Polícia Militar*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 34. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Folclore Afro-Negro no Amazonas*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 35. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Teatro Amazonas*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 36. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Manaus, sua história*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 37. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– "Um livro nocivo". *Ma Forêt Au Bord Du Grand Fleuve*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 38. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *A renúncia do Dr. Fileto Pires Ferreira*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 39. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Notas sobre a Imprensa Oficial do Estado do Amazonas*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 40. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *In Memoriam de Cid Lins*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 44. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Alimentos preparados à base da mandioca*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 45. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Folclore Amazônico*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 46. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.

– *Comidas e bebidas regionais*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 47. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Folclore: Danças Dramáticas*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 48. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Artesanato Popular*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 49. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Etnografia Amazônica*. Ilustrado. Coleção Documentos da Amazônia n.º 51. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *Complexo gravidez-parto e suas consequências*. Coleção Documentos da Amazônia n.º 56. Manaus: Edições Governo do Amazonas, 2001.
– *O recheio das casas nos séculos XVII e XIX*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 88, novembro, 2002.
– *Sobre os ornamentos das praças*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 93, novembro, 2002.
– *Os piratas do rio Madeira* (Caiari). Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 94, novembro, 2002.
– *De como se realizavam os dançarás nos séculos XVIII a XX*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 95, novembro, 2002.
– *Os divertimentos públicos de antanho*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 112, novembro, 2002.
– *Assepsia corporal das damas do passado*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto. Série Memória 118, novembro, 2002.
– *O espião do Rei*. 2.ª edição, revista e ampliada. Série Mário Ypiranga. Manaus: Valer Editora, 2002.
– *A Capitania de São José do Rio Negro*. 4.ª edição, ilustrada. Série Mário Ypiranga. Manaus: Valer Editora, 2002.
– *Teatro Amazonas*. 2.ª edição. Série Mário Ypiranga. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2003.

– *Boi-bumbá. História, análise fundamental e juízo crítico*. Roteiro do Folclore Amazônico. Manaus: Edição do autor, 2004.
– *Rondas Infantis*. Roteiro do Folclore Amazônico. Tomo V. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2006.
– *Crendices & Superstições*. Roteiro do Folclore Amazônico. Tomo III. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2006.
– *Lenga-lengas e Matracas*. Roteiro do Folclore Amazônico. Tomo VII. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2006.
– *Brigues e Nau Catarineta*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2006.
– *Arquitetura. Tratado sobre a evolução do prédio amazonense*. Manaus: Edição da família do autor, 2006.
– *Pastoral e Pastorinhas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Editora Valer, Academia Amazonense de Letras e a família do autor, 2009.
– *Folguedos Populares*. Roteiro do Folclore Amazônico. Tomo IV. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2010.
– *Papagaio de papel*. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Edua, 2010.
– *O Pescador*. Histórias, instrumentos, técnicas e folclore. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Edua, 2010.
– *Escravidão Indígena*. O trabalho escravo e legal na Amazônia. Ilustrado. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Edua, 2010.
– *História do monumento da praça de São Sebastião*. Ilustrado. Manaus: Governo do Estado do Amazonas. Coleção Documentos da Amazônia, Documento n.º 147, 2012.
– *A Catedral Metropolitana de Manaus* (sua longa história). 2.ª edição ilustrado. Manaus: Edições Muraquitã – Concultura, 2012.
TEATRO: *Alvorada Redentora*. Episódio da Revolução de 1835, pela autonomia do Amazonas. Representado ao ar livre na avenida de Eduardo Ribeiro, em 1951, pelo grupo dramático de Américo Alvarez.
NOVELA: *A noite do passado*. Novela posta no ar em 1950 pela Rádio Baré com seu *cast* chefiado por Josafá Pires.

ROMANCE POLICIAL: *O mistério do solar Maglione*. Publicado em capítulos no jornal *A Gazeta*, Manaus.

DISCO: *Incelências*. Disco animado pela cantora Ely Camargo. Cantigas do povo. Água da Fonte. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

– *Incelências*. Disco animado por Vozes Bugras, 2012, São Paulo.

POESIAS MUSICADAS: *Tem várias de suas poesias musicadas pelo Núcleo de Teatro Jiquitaia, coordenado por Mauri Marques.*

Não há e supostamente nunca houve nenhuma decoração na antiga capela de São Sebastião atribuída a De Angelis. As cenas violentas em que atuam frades capuchos, na rotunda, procedem da Itália e trazem a assinatura visível de F. Campanela, colgados em 1935 durante a reforma.

TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES